

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PROFLETRAS**

**DRAMATIZAÇÃO DE CONTOS – UMA PROPOSTA DE AÇÃO
LITERÁRIA COM BASE NO CONTO O GATO PRETO DE EDGAR
ALLAN POE**

TALES FREIRE PINHEIRO

NATAL – RN

2019

TALES FREIRE PINHEIRO

**DRAMATIZAÇÃO DE CONTOS– UMA PROPOSTA DE AÇÃO
LITERÁRIA COM BASE NO CONTO O GATO PRETO DE EDGAR
ALLAN POE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Profletras - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino.
Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

NATAL - RN

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Pinheiro, Tales Freire.

Dramatização de contos: uma proposta de ação literária com base no conto O Gato Preto de Edgar Allan Poe / Tales Freire Pinheiro. - Natal, 2019.

108f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2019.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino.

1. Contos de terror - Dissertação. 2. Drama - Dissertação. 3. Edgar Allan Poe - Dissertação. 4. Leitura literária - Dissertação. I. Marcolino, Francisco Fábio Vieira. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 82-34:028

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/170

**DRAMATIZAÇÃO DE CONTOS– UMA PROPOSTA DE AÇÃO
LITERÁRIA COM BASE NO CONTO O GATO PRETO DE EDGAR
ALLAN POE**

TALES FREIRE PINHEIRO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino
Orientador Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Edna Maria Rangel de Sá
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Wellington Medeiros de Araújo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

A minha família por todo apoio prestado.

Ao professor Fábio Vieira, meu orientador, por suas contribuições valiosas.

Aos meus professores de curso.

Ao programa PROFLETRAS.

Aos alunos envolvidos no projeto.

À escola Élia de Barros.

A Deus.

O declínio da literatura indica o declínio de uma nação.

Johann Wolfgang Von Goethe

RESUMO

Ao mesmo tempo em que a existência da literatura no ambiente escolar diminui, percebe-se a discussão intensificada acerca da formação do aluno enquanto leitor e sobre a responsabilidade da escola nesse processo. Nesse sentido, é necessário que o docente incentive o aluno para que perceba a importância da leitura e que consecutivamente saiba caminhar pelo mundo da literatura fazendo suas próprias escolhas, por pura satisfação. Assim, desenvolvemos uma prática didático pedagógica por meio de uma sequência didática (Cosson, 2016) a fim de proporcionar o relacionamento dos discentes do nono ano da Escola Estadual Élia de Barros com os gêneros contos de terror de Edgar Allan Poe e teatro. Trabalhamos a leitura literária e a dramatização, também motivamos a leitura desses contos, desenvolvemos a criatividade e a oralidade dos alunos além de proporcionarmos a participação em exercícios teatrais que beneficiaram no desenvolvimento da expressão oral e corporal. Para a realização desse projeto, nos apoiamos em Candido (1999), Compagnon (2009), Cortázar (1993), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), Rosenfeld (2006), Todorov (2009), Zunthor (2007) e outros teóricos. Consideramos que esse projeto de ação auxiliou no desempenho das competências linguísticas e literárias ao observar os resultados positivos na performance dos discentes no espaço escolar.

Palavras- chave: Contos de Terror. Drama. Edgar Alan Poe. Leitura literária.

ABSTRACT

At the same time that the existence of literature in the school environment decreases, we see intensified discussion about the student's formation as a reader and about the responsibility of the school in this process. In this sense, it is necessary that the teacher encourages the student to realize the importance of reading and that consecutively can walk through the world of literature making their own choices, out of pure satisfaction. Thus, we developed a teaching didactic practice through a didactic sequence (Cosson, 2016) in order to provide the relationship of the ninth year students of the Elia de Barros State School with the genres of Edgar Allan Poe's horror tales and theater. We worked on literary reading and dramatization, also motivated the reading of these stories, developed the creativity and orality of the students, as well as providing participation in theatrical exercises that benefited the development of oral and corporal expression. For the realization of this project, we support Candido (1999), Compagnon (2009), Cortázar (1993), National Curricular Parameters (1997), Rosenfeld (2006), Todorov (2009), Zunthor (2007) and other theorists. We consider that this project of action helped in the performance of the linguistic and literary competences when observing the positive results in the performance of the students in the school space.

Keywords: Tales of Terror. Drama. Edgar Alan Poe. Literary reading.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A LITERATURA E SUAS LINGUAGENS	17
2.1 TEXTO E DISCURSO.....	20
2.1.2 A linguística de texto.....	22
2.1.3 O texto artístico.....	23
2.2 GÊNEROS DO DISCURSO.....	24
2.2.1 Gêneros literários.....	24
2.3 O CONTO.....	26
2.4 O TEATRO.....	27
2.4.1 A voz e o corpo.....	29
2.4.2 Teatro de sombras.....	31
3 VIDA E OBRA DE EDGAR ALLAN POE.....	33
4 ANÁLISE DA NARRATIVA “O GATO PRETO”	37
5 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA INTERVENTIVA.....	45
5.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	47
5.2 A SEQUÊNCIA BÁSICA.....	49
5.2.1 Motivação.....	49
5.2.2 Introdução.....	50
5.2.3 Leitura.....	51
5.2.4 Interpretação.....	51

5.2.5 Avaliação.....	52
6 DA LEITURA À ENCENAÇÃO.....	54
6.1 DESCRIÇÃO DAS CENAS.....	57
6.2 RELATO DOS ALUNOS.....	62
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	72
ANEXOS.....	75
ANEXO A – QUESTIONÁRIO.....	75
ANEXO B – RELATÓRIO DOS ALUNOS.....	77
ANEXO C – ROTEIRO DA ENCENAÇÃO.....	88
ANEXO D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO.....	91

1 INTRODUÇÃO

Sempre me faço alguns questionamentos antes de realizar qualquer atividade docente: qual a contribuição do meu trabalho para a escola? Como posso melhorar o desempenho de meus alunos em sala de aula? Qual a finalidade de expor esse ou aquele conteúdo? De que forma posso estimular o estudante no aprendizado de língua portuguesa?

Quando iniciei minha carreira, ainda imaturo, não percebia o quão importante são essas perguntas de autorreflexão em meu encaixo, pois não sabia a realidade das escolas em que trabalhei.

Um fato preocupante, principalmente em escolas públicas, é a falta de interesse por parte dos alunos em relação à leitura. Com toda a certeza, esse desinteresse afeta o desempenho do estudante em todas as outras disciplinas. Como dizem os colegas de profissão: “se o aluno não sabe Português, não saberá de nem uma outra matéria”. Essa responsabilidade quanto ao gosto e à performance ao ato de ler sempre é atribuída ao professor de Língua Portuguesa. Diante dessa “cobrança”, passei a repensar minha prática pedagógica.

Comecei a pesquisar métodos que me auxiliassem numa tentativa de aperfeiçoar o aprendizado dos meus alunos e que fizessem com que avançassem como leitores e também como escritores.

Refleti e desenvolvi um projeto para uma turma do 8º ano do ensino fundamental anos finais numa escola anterior a que envolve de fato essa dissertação. Esse projeto era chamado “Despertando o Gosto Pela Leitura” que consistia numa escolha aleatória de quaisquer livros que chamassem a atenção dos alunos. Ele era dividido em quatro etapas: escolha do livro pelo próprio estudante, leitura em casa e em sala de aula, uma produção escrita de um resumo do livro escolhido e por fim uma exposição oral da história para os demais alunos. Todo esse processo durava em torno de quarenta e cinco dias. Nesse período, fizemos o mesmo trabalho durante um ano letivo, totalizando quatro livros lidos por aluno.

Essa primeira tentativa metodológica não foi muito proveitosa por diversos motivos: muitos alunos escolhiam o livro observando os que possuíam o menor número de páginas, mas como queria ver até onde esse projeto iria, consenti e seguimos assim mesmo; outros não faziam a leitura do livro e apresentavam resumos retirados da internet; alguns diziam que não tinham tempo; eram diversas justificativas. Não prossegui com esse método e voltei a pensar como faria para que uma nova técnica fosse eficaz e que atendesse à realidade daqueles jovens.

Nesse intervalo de reflexão entre o projeto passado e o novo que foi nosso objeto de estudo nessa dissertação, decidi usar minha experiência de vida com o teatro como elemento motivador para a desenvoltura da leitura e da escrita dos discentes.

Outrora já havia trabalhado com peças teatrais. Particpei do espetáculo A Paixão de Cristo por quatro anos no qual interpretei o papel de Jesus de Nazaré pelo TESAP (Teatro de Santo Antônio do Potengi) e por esse mesmo grupo integrei outras peças em datas comemorativas como dia das mães, dia dos pais etc.

Se o teatro me motivou mais ainda na época a trabalhar com a leitura, por que não levar essa arte para a escola? Além do trabalho com a ação de ler, a desenvoltura corporal, a oralidade, o senso crítico naquilo que se participa efetivamente poderiam ser aprimorados. Iniciei um novo projeto, e de antemão já digo, foi um sucesso trabalhar o teatro como forma motivacional.

A primeira experiência ocorreu em 2014, quando ainda trabalhava em uma escola da rede privada. Os problemas em relação à leitura e ao desempenho em outras disciplinas não eram tão diferentes de onde hoje exerço minha função como docente. Conversando com o professor de matemática acerca dessas intempéries, pensamos e escolhemos o livro “O Homem Que Calculava” de Malba Tahan e trabalhamos o caso dos Trinta e Cinco Camelos. Iniciamos com o processo de leitura silenciosa, leitura oralizada pelos alunos e pelos professores, comentamos e interpretamos o capítulo em questão juntos. Após isso, fizemos uma encenação para as demais turmas da escola. É claro que pretendíamos levar esse projeto durante os quatro bimestres, porém nossas aulas não coincidiam e a realização desse caso só foi possível devido a um festival literário que a escola proporcionou, ou seja, tínhamos disponibilidade de horários para essa finalidade apenas numa determinada época do ano letivo.

Como a primeira experiência foi exitosa, decidi, dessa vez, sem o auxílio direto do professor de matemática, continuar com esse projeto. A mudança agora é que teríamos mais tempo e trabalharíamos dessa vez com obras completas e não mais somente um capítulo descontextualizado.

Não pretendo aqui me aprofundar no que aconteceu em outra escola que não está diretamente relacionada a essa dissertação, todavia é pertinente comentar como esse projeto foi iniciado, uma vez que foi ali notada a eficácia desse método de ensino.

Ao chegar na Escola Estadual Élia de Barros em São Gonçalo do Amarante em 2016, a situação, no que concerne aos problemas já mencionados, não eram diferentes: a dificuldade em leitura, compreensão de texto etc. Além desses casos, notava-se também que os alunos dessa

escola não possuíam incentivos de suas famílias nas práticas escolares. Isso era algo novo para mim, já que vinha de uma realidade em que os pais sempre estavam presentes.

Durante dois anos, tentei pôr em prática o projeto de literatura envolvendo o teatro, porém, a escola passava por uma situação difícil em relação à material de expediente. A biblioteca não funcionava, além das constantes paralisações dos dias letivos, fossem por motivos de greve ou por problemas internos à escola. Em 2017, ficamos quase sem um mês de aula devido a um tiro disparado em sala de aula por um aluno. Os pais não queriam deixar seus filhos irem ao ambiente educacional, a Secretaria de Educação pediu que as atividades fossem suspensas para que a “poeira” baixasse e dessa forma perdemos muitos dias de atividades.

Apenas em 2018, com um nova gestão escolar, a situação do Élia de Barros passou a melhorar. A biblioteca foi reformada, foram adquiridos livros, material de expediente agora sempre estava à disposição dos professores, foi elaborado um regimento para os alunos e, assim, o projeto pôde sair do “papel” e entrar em efetivo exercício.

Nesse mesmo ano, foi formada uma comissão entre alguns professores que tivessem interesse em melhorar o quadro no que diz respeito à leitura e à escrita dos alunos. Montamos um questionário (anexo - A) o qual foi essencial para darmos o primeiro passo nessa nova empreitada.

Em seguida, a comissão junto à gestão escolar convidou pais e alunos para assistir a uma palestra de orientação ministrada pelos próprios professores envolvidos acerca da importância da literatura.

Expomos e ressaltamos que o ambiente escolar sempre foi o maior responsável pela construção de leitores, todavia essa responsabilidade deve ser compartilhada entre escola e família. Ademais, ressaltamos a importância do texto literário o qual trabalhamos em sala e que deve ser observado e incentivado em casa também.

Nesse intuito, nossa escola junto à comunidade escolar teve por objetivo buscar e mostrar caminhos a fim de que a literatura possa ser apreciada, uma vez que colabora para a formação intelectual do aluno e de toda a sociedade.

Nosso projeto trouxe para o aluno a importância do texto literário na escola e também o teatro como forma motivadora de despertar para a literatura. Com a realização desse trabalho, pretendemos que o estudante sinta-se capacitado para ler efetivamente um texto na condição de um leitor crítico.

Sou formado em letras pela Universidade Potiguar – UnP desde 2009. Logo em seguida, cursei Docência no Ensino Superior a título de especialização nessa mesma instituição.

Em 2012, ingressei, por meio de concurso público, no quadro permanente de Servidores em Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Em 2016, ingressei também no quadro permanente de professores da Prefeitura Municipal de Extremoz.

Iniciei meu trabalho como docente em 2007 na Escola Estadual José Moacir em São Gonçalo do Amarante antes mesmo de concluir a graduação, quando era estagiário. Lecionei ainda em escolas particulares e cursinhos. Atualmente exerço minhas funções na Escola Estadual Élia de Barros, situada na cidade onde moro, São Gonçalo do Amarante, e também na Escola Municipal Coronel José Franco Ribeiro em Extremoz.

Esse projeto segue a sequência básica elaborada por Cosson (2016) observando quatro passos: motivação (preparação dos alunos para o texto), introdução (apresentação do autor e da obra), leitura (conhecimento do texto) e interpretação (construção dos sentidos do texto envolvendo autor, leitor e comunidade).

A literatura deve ser vista como algo relacionado ao prazer, assim como tem o poder de enriquecer e humanizar a sociedade. As benesses decorrentes dela são as mais variadas, pois lemos para conhecer, entender e refletir. Ademais, ela ainda tem o poder de nos emocionar. O encadeamento dos vocábulos em um bom texto nos faz chorar, sorrir, sentir medo, entre tantos outros sentimentos inerentes à subjetividade humana.

Pretendemos mostrar que a literatura deve ser vista antes de mais nada como algo belo, ler pelo simples prazer que podemos ter nessa ação sem estar relacionada a uma obrigação. Ler por nada, ler por tudo. Assim compreendemos que o texto literário tem um lugar em nossas vidas, a partir disso surge naturalmente o amor à literatura.

Para consumir o projeto de leitura o qual já trabalhara e definitivamente pôr em prática nosso trabalho, conversei com a gestão da escola a fim de que novos livros paradidáticos fossem adquiridos. Seria impossível levar adiante algo dessa magnitude sendo amparado apenas pelo livro didático, uma vez que em sua maioria comporta textos curtos e fragmentos de obras maiores.

Assim decidimos trabalhar com uma história completa ao contrário do que habitualmente é feito. Em conversa com os alunos, escolhemos o conto de terror. Pedi aos gestores para pudessem adquirir alguns livros que possuíssem contos do autor Edgar Allan Poe e dessa forma demos início efetivamente ao nosso projeto.

O projeto foi desenvolvido na Escola Estadual Élia de Barros, localizada na Avenida Vereador Aildo Mendes, loteamento Samburá, que atende atualmente a 1163 alunos matriculados divididos nos períodos da manhã e da noite. No turno matutino, existem oito turmas que contemplam todo o Ensino Fundamental anos finais, sendo dois sextos, dois

sétimos, dois oitavos e dois nonos anos, além de oito turmas que também atendem a todo o Ensino Médio, sendo três primeiros, três segundos e dois terceiros anos, totalizando assim dezesseis turmas nesse período e, no período noturno, existem nove turmas de ensino médio diferenciado. A escola conta com 1 diretor e 1 vice-diretor, 40 professores e 20 profissionais de outras áreas. Nela, há apenas um coordenador no período da noite, no matutino não há esse profissional e não existem bibliotecários. Quanto à estrutura física, existem 16 salas de aula, 1 laboratório de informática (não está em funcionamento), 1 sala da secretaria, 1 sala da direção, dois banheiros para os funcionários e professores, dois banheiros para os alunos sendo 1 masculino e o outro feminino, 1 sala da coordenação, 1 sala dos professores, 1 cozinha, 1 pátio com cerca de 70 m² e 1 biblioteca. A escola ainda oferece acessibilidade aos portadores de deficiência física.

A turma contemplada para a realização desse projeto foi o 9º ano “A” composta por 37 alunos, dentre os quais 25 são meninas e 12 são meninos, na faixa etária de 13-14 anos. Boa parte da turma apresenta dificuldades de leitura e escrita, além de problemas de indisciplina, todavia noto que a maior parte dessa equipe possui grande entusiasmo para histórias, principalmente, de terror. Assim, pretendo “despertar” o gosto desses alunos pela leitura.

Durante esses anos de trabalho em sala de aula, percebi que muitos alunos possuíam certo interesse pela leitura, mas não muito pela escrita. Querendo saber mais um pouco sobre o costume literário dos discentes, foi feito um questionário (anexo - A) a fim de colher informações acerca dos hábitos de leitura dos alunos. Alguns quesitos deste questionário contemplam a idade, o efetivo exercício da leitura, a relação entre a família e o incentivo à prática de ler, a preferência pelo gênero discursivo, etc. Participaram desse levantamento apenas 33, uma vez que dos 37 estudantes matriculados, 4 vão à escola esporadicamente.

Dos itens elencados, nota-se que 81,8% dos estudantes já leram algum livro paradidático no ano de 2017 e 18,2% não leram. No que concerne à relação família e leitura, 78% disseram que os pais incentivam esse ato em casa. Em relação ao gênero, aproximadamente 55% da turma tinha preferência por contos de terror. Baseado neste último dado, decidimos que trabalharíamos com essa preferência.

A importância do gênero discursivo em questão no processo de ensino e aprendizagem a partir do trabalho com a roda de leitura em sala de aula e posteriormente uma dramatização surgiu por meio de uma pesquisa a qual fora realizada na turma do 9º ano do Ensino Fundamental anos finais na Escola Estadual Élia de Barros-RN.

Logo, como pretensão desse projeto, trabalharemos o texto literário com o intuito de formar um leitor crítico o qual não lê somente por aprender a ler, mas sim para ser atuante na

sociedade em que faz parte, atendendo suas necessidades pessoais. Dessa maneira, ao examinar as especificidades dos envolvidos, apresentaremos uma proposta didática abordando o conto O Gato Preto de Edgar Allan Poe.

Iniciaremos nosso trabalho tendo por suporte teórico os estudos de autores como: Barthes, Compagnon, Candido dentre outros que discutem a literatura como essencial ao homem. Ademais, estudaremos a concepção de texto e gêneros, o conto com ênfase na obra selecionada e também o teatro. Procuraremos incitar os alunos à leitura como forma de prazer utilizando o teatro como elemento motivador.

O corpo estrutural desta dissertação foi desenvolvida em sete capítulos.

No primeiro capítulo, A literatura e suas linguagens, abordamos a literatura como essencial ao ser humano, também foi feita uma reflexão acerca do texto e gênero. Além disso, analisamos a concepção de teatro e as benesses para a desenvoltura do homem tendo como principal teórico os estudos de Zumthor.

No segundo capítulo, Vida e obra de Edgar Allan Poe, falamos um pouco sobre o autor, sua trajetória de vida e suas obras mais conceituadas.

No terceiro capítulo, Análise da narrativa O Gato Preto, elaboramos uma análise do conto em questão observando o enredo, personagens, tempo, narrador e espaço. Para dar amparo a este momento nos apoiamos no estudo de Cândida Vilares Gancho no livro Como Analisar Narrativas.

No quarto capítulo, Desenvolvimento da proposta interventiva, utilizamos a proposta didática apresentada por Rildo Cosson (2016) e o passo a passo sobre como o projeto foi desenvolvido.

No quinto capítulo, Da leitura à encenação, relatamos todo o curso da vivência com os alunos acerca do conto e do teatro observando o parecer dos estudantes. Há também nesse capítulo, a descrição das cenas e as observações feitas em cada uma delas.

2. A LITERATURA E SUAS LINGUAGENS

Para a realização desse projeto, utilizamos uma sequência didática proposta por Cosson (2016) a partir das etapas elencadas pelo autor: motivação, introdução, leitura e interpretação. Faremos um momento em que o aluno encontre o prazer pela leitura e o teatro sem a intenção de elaborar mais um trabalho no qual seja priorizada a avaliação, todavia que proporcione o gosto pela ação de ler de modo divertido e agradável.

A fim de respaldar nossa pesquisa, tomaremos os estudos de Antônio Candido em “A literatura e a formação do homem” (1999), Tzvetan Todorov (2009) em **A literatura em perigo** e |Antoine de Compagnon (2009) em **Literatura para quê?** que abordam o estudo do texto literário na sociedade e em sala de aula na educação básica.

Para Candido (1999), temos de enxergar a literatura como força humanizadora, como algo que exprime o homem e depois atue na própria formação dele.

Baseado nessa perspectiva, pretendemos demonstrar que a leitura de um texto é capaz de fazer com que o aluno desperte a imaginação, questione e crie diversas possibilidades de leitura de um único texto, relacionando aquilo que foi lido com sua realidade de vida.

Segundo Todorov (2009), a literatura tem muito a dizer sobre o ser humano, revelando assim o indivíduo, o particular. Portanto urge a intensificação do ensino de literatura na escola para que ela seja reconhecida como bem cultural relevante à formação de uma sociedade crítica capaz de se identificar no desenvolvimento da vida e do pensamento.

Para Compagnon (2009) a leitura é indispensável para viver, pois a vida será mais confortável, mais nítida, mais expansiva para aqueles que leem em detrimento daqueles que não leem. Ler, para Compagnon (2009), não é verbo intransitivo e não se restringe apenas às informações contidas nos manuais ou em receitas médicas, é preciso enxergar a essência que há naquilo que se lê.

Ele menciona quatro poderes da literatura, dentre os quais, pode-se notar que a literatura deleita e instrui melhorando a vida em sociedade do homem educando-o moral e socialmente assim como tinham por finalidade as tragédias gregas.

O segundo poder seria não mais uma forma de instruir deleitando, mas como um remédio o qual liberta o indivíduo de sua submissão às autoridades, como forma de contestar a subordinação ao poder, ela cura, em especial, do obscurantismo religioso. A leitura contribui para a liberdade e responsabilidade do indivíduo.

O terceiro poder é a correção dos defeitos da linguagem. A literatura agora se concebe não mais como um remédio para os males da sociedade, mas para as inadequações da língua.

E por último, o quarto poder é aquele que nega os outros poderes da literatura a não ser o poder sobre ela mesma. A literatura oportuniza um conhecimento diferente do conhecimento das ciências naturais, todavia é apta a demonstrar o comportamento e as emoções humanas, ademais a literatura permite uma melhor maneira de fazer com que o homem se sinta melhor consigo mesmo e com a sociedade.

Barthes (2002) deixa claro que ao se referir à literatura não está restritamente falando de obras, todavia da produção escrita, ou seja, ela permite exteriorizar o pensamento por meio da língua. Segundo ele, a liberdade que existe no texto literário depende da forma e sobre o que se escreve.

É importante ver a literatura como “eixo” de várias áreas do conhecimento: histórica, social etc. Para Barthes todas as ciências estão contidas nela. Sobre a relevância da literatura, Barthes (2002, p. 16 e 17) defende:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso.

É perceptível que a literatura para Barthes é tão importante que auxilia nas lacunas da ciência sendo capaz de corrigir a distância, como ele mesmo diz, entre a ciência grosseira e a vida sutil.

Conforme o autor, a literatura expande saberes e é democrática, já que não impõe nenhum deles. Para Barthes a literatura é o caminho para tornar a ciência mais compreensível.

É bom salientar que Barthes não incita a separação entre cientistas e escritores, de acordo com ele essa comparação é para mostrar que a literatura está em todo lugar onde as palavras “têm sabor”. Isso fica mais evidente quando Barthes afirma que a literatura assim como a ciência se ocupa em representar o real, mas ainda diz que o real não é representável, apenas demonstrável (2002, p. 21):

A literatura se afaina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história de literatura. Que o real não seja representável – mas somente demonstrável – pode ser dito de vários modos: quer o definamos, como Lacan, como o impossível, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique, em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem). Ora, é precisamente a essa impossibilidade topológica que a literatura não quer, nunca quer render-se. Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, com isso os homens não se conformam, e é essa recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz, numa faina incessante, a literatura.

Fica evidente que a literatura demonstra a realidade e também pode demonstrar o irreal quando assim se deseja. Barthes (2002) afirmava categoricamente que a literatura é realista quando o real se torna objeto de desejo, assim como o irreal quando assim se pretende, tudo tem relação com a intenção do sujeito.

É notável a discussão existente entre os professores de quaisquer disciplinas, em um momento de reunião pedagógica ou fora dela, acerca do hábito de leitura dos alunos ou da falta dele. Reclamações diárias podem ser ouvidas em qualquer parte da escola. Por mais que os docentes falem sobre a importância do ato de ler, pouco resultado ainda se obtém diante desse alerta. O programa internacional de avaliação de estudantes (PISA) em 2015 mostra que o desempenho dos alunos no Brasil em leitura ainda está abaixo do resultado esperado, 407 em relação à média de 493 pontos.

Pensando nessa problemática, torna-se imprescindível uma ação a qual desperte o prazer pela leitura nos nossos discentes. Todavia, não pode ser “mais uma ação”, tem de ser algo que envolva o aluno por completo, que seja uma prática social e também que o aluno se sinta integrante do ambiente escolar como um agente transformador contribuindo ativamente para o seu próprio sucesso e o dos outros participantes assim como preconizam os PCN (1997, p. 68):

É condição fundamental para que o trabalho possa ser realizado a constituição de um corpus de textos orais correspondentes aos gêneros previstos, a partir dos quais as atividades de escuta (e também de produção de textos orais) sejam organizadas, de modo a possibilitar aos alunos a construção de referências modelizadoras. Esse corpus pode ser organizado a partir de registros audiovisuais (cassete, videocassete) e da promoção de debates, entrevistas, palestras, leituras dramáticas, saraus literários organizados pela escola ou por outra instituição, que envolvam aspectos temáticos de projetos em andamento em Língua Portuguesa ou em outras áreas.

Dessa forma, ao ouvir os próprios envolvidos no projeto, surgiu uma opção como motivadora para o processo de leitura: a dramatização de contos de terror. Nessa empreitada, trabalharemos com alguns contos do autor Edgar Allan Poe: “O gato preto”, “O poço e o pêndulo”, dentre outros presentes na antologia em versão paradidática **O gato preto e outras histórias** (in: Gouveia, 2007). A intenção é escolher, dentre algumas histórias, uma que possa ser dramatizada pelos participantes do projeto, assim os alunos poderão se sentir parte integrante do processo ao lerem e relerem os contos, produzirem e readaptarem trechos da obra para uma melhor encenação.

O teatro na escola traz a perspectiva de fortalecer e desenvolver as mais variadas formas de linguagem na comunicação oral, escrita e corporal com participação efetiva dos próprios discentes em contar e encenar histórias. Há também a chance de retomar o orgulho dos

participantes em se tornarem protagonistas do processo educacional assim como demonstram os PCN em Arte:

As propostas educacionais devem compreender a atividade teatral como uma combinação de atividade para o desenvolvimento global do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupações de organização estética e uma experiência que faz parte das culturas humanas (BRASIL, 1997, p. 57).

Portanto, a familiaridade com os contos de terror e o teatro é uma maneira de despertar no aluno o prazer de interagir com a leitura simultaneamente em que se tornam cidadãos participativos na comunidade escolar. Além disso, a união entre esses gêneros proporcionou ao discente um auxílio no seu desenvolvimento e formação, estimulando o querer pelo conhecimento e por tal motivo deve ser um complemento em toda sala de aula, uma vez que ajuda a trazer a informação e a diversão de maneira mais entusiasmada e prazerosa.

Quem deseja que a leitura seja feita porque é importante, necessária para a explicitação de um assunto, para a ampliação de um conhecimento, ou por qualquer outro motivo, é o professor. Só ele pode transformar o que precisa ser lido em algo significativo e prazeroso. (BRAGA ;SILVESTRE, 2009, p. 22).

Nesse sentido, é necessário que o docente incentive o aluno para que perceba a importância da leitura e que consecutivamente saiba caminhar pelo mundo da literatura fazendo suas próprias escolhas, por pura satisfação.

É pretensão nesse projeto realizar, em língua portuguesa, uma prática didático pedagógica por meio de uma sequência didática a qual proporcione o relacionamento dos discentes com os gêneros discursivos contos de terror e teatro de maneira a trabalhar a leitura literária e a dramatização.

Espera-se, dessa forma, motivá-los à leitura de contos de terror, bem como, ajudar no processo de desenvolvimento da criatividade e oralidade e também sair em busca de quais recursos foram utilizados pelo autor para gerar tensão, medo e mistério, além de observar as características das personagens envolvidas no conto e proporcionar aos estudantes a participação em exercícios teatrais que beneficiem no desenvolvimento da expressão oral e corporal.

2.1 TEXTO E DISCURSO

É preciso ressaltar que todo texto possui um discurso intrínseco a ele, ou seja, ao produzir um texto, o emissor possui antes uma intenção e dessa intenção surge o discurso.

É necessário frisar que o texto e o discurso são indissociáveis, uma vez que todo texto possui intenções e que toda intenção precisa de um texto para se sustentar.

Assim Marcuschi (2008, p.81) afirma que:

Não é interessante distinguir rigidamente entre texto e discurso, pois a tendência atual é ver um contínuo entre ambos como uma espécie de condicionamento mútuo. Também sua relação com o gênero deve ser bem entendida e não posta como se fosse algo muito diverso.

Marcuschi (2008, p. 82) defende ainda que o discurso dar-se-ia no plano do dizer (a enunciação) e o texto no plano da esquematização (a configuração). Entre ambos, o gênero é aquele que condiciona a atividade enunciativa.

Segundo Coutinho (2008, apud MARCUSCHI, 2004, p. 35 - 37) falando sobre gênero diz:

Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula.

Percebe-se assim que texto e discurso estão intrinsecamente ligados um ao outro não sendo necessária a separação entre ambos, tendo em vista que se complementam nas intenções do falante.

Segundo Marcuschi (2008, p.72) o texto pode ser lido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico.

Nesse sentido, ao pensar sobre o vocábulo “texto”, como tecido de significação, não é possível se ater apenas a um amontoado de palavras, entretanto a uma ação linguística dotada de intenções sociais, culturais e cognitivas entre quem produz e quem recebe a mensagem.

O texto, por menor que seja a estrutura em que se apresente, pode-se configurar como unidade de sentido. Por exemplo, em um determinado contexto, a simples palavra “fogo” pode indicar um incêndio ou alguém pedindo para acender um cigarro, entre outras várias possibilidades de intenção por parte de quem fala. Nessa situação, tornam-se imprescindíveis os aspectos que formam a cena. No caso do incêndio, o ambiente em chamas, o tom de voz e a expressão corporal por quem pretende alertar sobre o risco iminente desse incêndio. No outro caso, o próprio cigarro à mostra é o gesto o qual deduz a intenção do falante. É claro que os casos mencionados apenas realmente farão parte de uma teia de significados, se locutor e interlocutor compartilharem das mesmas condições de produção para o exercício pleno da comunicação, ou seja, se a mensagem produzida cumprir o objetivo enunciativo que o falante se propôs ao se inserir em uma situação comunicativa.

Marcuschi (2008, p.71 e 72) afirma ainda que:

Todos nós sabemos que a comunicação linguística (e a produção discursiva em geral) não se dá em entidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por textos. E os textos são, a rigor, o único material linguístico observável, como lembram alguns autores. Isto quer dizer que há um fenômeno linguístico (de caráter enunciativo e não meramente formal) que vai além da frase e constitui uma unidade de sentido. O texto é o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona. Esse fenômeno não é apenas uma extensão da frase, mas uma entidade teoricamente nova. Exige explicações que exorbitam as conhecidas análises do nível morfossintático.

Acerca do que defende Marcuschi, por volta dos anos 60 do século passado surge a linguística de texto a qual compreende a área de produção tanto de textos orais como textos escritos.

2.1.2 A linguística de texto

A linguística de texto é o estudo das operações da língua, do discurso e do conhecimento as quais regem e controlam a produção, a construção e o processo de textos, sejam eles escritos ou orais, em pleno uso natural das circunstâncias de utilização.

A língua, para a linguística textual, não se detém a pequenas unidades isoladas da morfologia ou da fonologia, como morfemas e fonemas, todavia a unidades de sentido denominadas texto, sejam elas textos de forma oral ou escrita.

O texto é uma unidade da língua de nível maior que a frase, uma vez que a gramática da frase não atende inteiramente as necessidades de compreensão de um evento comunicativo. Imaginemos a seguinte situação a qual será representada no fragmento de texto adaptado do “gato preto” de Edgar Allan Poe: “Alan gostava de modo especial dos animais, e seus pais permitiam-lhe possuir grande variedade de bichos de estimação. Com eles, gastava a maior parte de seu tempo e nunca se sentia tão feliz como quando lhe dava comida e os acariciava[...].”

Imaginemos também aqui uma atividade de sintaxe, que teria a finalidade de classificar os sujeitos dos verbos “gastava e sentia” presentes no segundo período do fragmento, para alunos do 7º do ensino fundamental anos finais. Se isolarmos esse segundo período e tentássemos recuperar o agente dos verbos mencionados, não saberíamos que esses verbos fazem referência a Alan, sujeito o qual se encontra no primeiro período do trecho.

A linguística de texto levaria o tratamento da questão por outra linha de pensamento. A primeira forma seria manter as frases no texto de forma a constituírem um enunciado indissociável, já que o apelidado sujeito oculto do segundo período nada mais representa que o recurso de uma elipse do sujeito, Alan, presente no período anterior.

Marcuschi (2008, p.73) diz que:

A motivação da linguística de texto foi a certeza de que as teorias linguísticas tradicionais não davam conta de alguns fenômenos linguísticos que apareciam no texto. E estes fenômenos eram resumidos numa expressão quase mágica: relações interfrásticas. Constatava-se que certas propriedades linguísticas de uma frase só eram explicáveis na sua relação com a outra frase, o que exigia uma teoria que fosse além da linguística de frase. Só assim se explicaria a anáfora, as propriedades textuais do artigo e também o problema da elipse e repetição entre outros. Contudo, se no início da linguística de texto o argumento era a necessidade de desenvolver uma gramática transfrástica, hoje o argumento para se prosseguir no desenvolvimento de uma linguística de texto é outra.

Daí observa-se a importância do contexto para a formação de sentido. Para isso, é preciso ter o agrupamento de circunstâncias em que se produz a mensagem a fim de que possa ser permitida sua correta compreensão.

Para amparar nossa leitura crítica dos gêneros literários e especificamente do conto “O gato preto”, iremos nos apoiar em Rosenfeld (2006), Cortázar (2008), Marcuschi (2008), Fiorin (2008), Lotman (1978), Gotlib (2006) e Reis & Lopes (1988).

2.1.3 O texto artístico

Não há uma resposta definitiva para a definição de texto artístico, contudo é possível perceber algumas características inerentes a ele. Uma dessas características diz respeito ao tema abordado pelo texto, já que não existem assuntos que a arte observe como exclusivo. Esses temas variam conforme a época em que se vive, atentando-se, normalmente, para abordagens condizentes à atualidade de uma determinada sociedade.

Outra característica importante desse tipo de texto é a linguagem conotativa, aquela que permite criar novos significados para as palavras e expressões, assim o texto artístico consegue transportar o leitor do seu mundo real para um lugar fantástico das palavras e das emoções, por isso a marca da função emotiva da língua. É possível ainda que a arte nesse texto aparece para comover, provocar sensações e liberar sentimentos do(s) indivíduo(s) envolvido(s) nesse ato comunicativo.

Lotman (1978, p.33) diz:

A arte é um dos meios de comunicação. Ela realiza incontestavelmente uma ligação entre um emissor e um receptor (o facto de em certos casos poderem unir-se os dois uma só pessoa não modifica nada, porque um indivíduo que fala consigo mesmo reúne nele o locutor e o auditor). Dar-nos-á isto o direito de definir a arte como linguagem organizada de modo particular?

Todo o sistema que serve os fins da comunicação entre dois ou vários indivíduos pode ser definido como uma linguagem (como já observamos, subentende-se no caso da autocomunicação que um indivíduo representa dois).

As palavras expressadas pela arte tem a capacidade transformadora e criam uma relação de simbiose entre leitor e texto, contribuindo dessa forma na formação intelectual do homem.

2.2 GÊNEROS DO DISCURSO

Todos os dias percebemos que existem diversas situações comunicativas as quais ocorrem ao nosso redor. Em apenas vinte e quatro horas podemos notar que estamos envolvidos em distintos contextos e ambientes que exigem dos falantes um comportamento linguístico específico.

Fiorin (2008, p. 61 e 62) diz que:

O gênero estabelece, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação.

Dessa permanente necessidade que os seres humanos possuem de interagir e comunicar-se com o outro, surgiram os gêneros discursivos. São incontáveis os gêneros do discurso, por isso não podem ser numerados, já que variam muito e adaptam-se às necessidades comunicativas dos falantes.

Segundo Fiorin (2008, p. 63):

Bakhtin não pretende fazer um catálogo dos gêneros, com a descrição de cada estilo, de cada estrutura composicional, de cada conteúdo temático. De um lado, porque a riqueza e a variedade dos gêneros são infinitas, uma vez que as possibilidades da ação humana são inesgotáveis e cada esfera de ação comporta um repertório significativo de gêneros do discurso. Na esfera da ação jurídica, por exemplo, temos gêneros como a petição, a sentença, o acórdão, o despacho, etc. Na esfera da ação religiosa, há a oração, a fórmula sacramental, o sermão e assim por diante. De outro, porque o que importa verdadeiramente é a compreensão do processo de emergência e de estabilização dos gêneros, ou seja, a íntima vinculação do gênero com uma esfera de atividade.

É possível notar que os gêneros têm características que nos permitem identificá-los e reconhecê-los entre tantas outras situações de comunicação. Entre as características dos gêneros textuais estão a apresentação de tipos relativamente estáveis de enunciados, além de estruturas e conteúdos temáticos que facilitam sua definição.

2.2.1 Gêneros literários

A literatura é uma materialização da arte não muito fácil de ser definida. Para uma melhor compreensão, Anatol Rosenfeld cita grandes pensadores gregos para definir aquilo que denominamos gêneros literários. Assim, é notório observar que a história do conceito dos gêneros pode ser falada a partir da antiguidade, quando também surgiram as manifestações iniciais da poética da cultura ocidental.

Os gêneros literários agrupam um coletivo de produção que mostram traços análogos de forma e de conteúdo. Eles se apresentam em três categorias básicas: gênero épico, lírico e dramático.

Rosenfeld (2006, p.15 e 16) diz:

A classificação de obras literárias segundo gêneros tem a raiz na república de Platão. No 3º livro, Sócrates explica que há três tipos de obras poéticas: “o primeiro é inteiramente imitação.” O poeta como que desaparece, deixando falar, em vez dele, personagens. “Isso ocorre na tragédia e na comédia.” O segundo tipo “é um simples relato do poeta; isso encontramos principalmente nos ditirambos.” Platão parece referir-se, neste trecho, aproximadamente ao que hoje se chamaria gênero lírico, embora a coincidência não seja exata. “O terceiro tipo, enfim, une ambas as coisas; tu o encontras nas epopeias...” neste tipo de poemas manifesta-se seja o próprio poeta (nas descrições e na apresentação dos personagens), seja um ou o outro personagem, quando o poeta procura suscitar a impressão de que não é ele quem fala e sim o próprio personagem; isto é, nos diálogos que interrompem a narrativa.

A teoria dos gêneros literários não é tão simples de ser compreendida, uma vez que os termos “lírico”, “épico” e “dramático” podem assumir duas formas distintas de serem abordadas. As formas condizentes à estrutura dos gêneros são chamadas por Rosenfeld (2006, P. 17) de “substantiva” e “adjetiva”.

Na primeira acepção, os gêneros teriam formas inflexíveis e estáticas, assim o gênero lírico aquele que compreende todo poema de extensão menor, na medida em que nele não se cristalizam personagens nítidas e em que, ao contrário, uma voz central quase sempre um “eu” nele exprimir seu estado da alma, por exemplo: a ode, o hino, etc. Acerca do gênero épico, toda obra apresenta uma extensão estrutural maior em que um narrador apresenta personagens envolvidos em situações e eventos, por exemplo: a epopeia, o romance, o conto, etc. Sobre o gênero dramático, toda obra em que prevalece o diálogo e os próprios personagens são seres apresentados pelo narrador. Caberia neste último exemplo a tragédia, a comédia, etc.

Rosenfeld (2008, p. 18) fala:

Evidentemente, surgem dúvidas diante de certos poemas, tais como as baladas – muitas vezes dialogadas e de cunho narrativo; ou de certos contos inteiramente dialogados ou de determinadas obras dramáticas em que um único personagem se manifesta através de um monólogo extenso. Tais exceções, contudo, apenas confirmam que todas as classificações são, em certa medida, artificiais. Não diminuem, porém, a necessidade de estabelecê-las para organizar, em linhas gerais, a multiplicidade dos fenômenos literários e comparar obras dentro de um contexto de tradição e renovação. É difícil comparar Macbeth com um soneto de Petrarca ou um romance de Machado de Assis.

Na segunda acepção, o gênero lírico, épico e dramático, de marca adjetiva, trata dos traços estilísticos que se entremeiam, assim as características pertinentes a um determinado gênero literário podem ser encontradas no outro gênero.

Assim, Rosenfeld (2006, p. 18 e 19) afirma:

Costuma haver, sem dúvida, aproximação entre gênero e traço estilístico: o drama tenderá, em geral, ao dramático, o poema lírico ao lírico e a épica (epopeia, novela, romance) ao épico. No fundo, porém, toda obra literária de certo gênero conterá, além dos traços estilísticos mais adequados ao gênero em questão, também traços estilísticos mais típicos dos outros gêneros. Não há poema lírico que não apresente ao menos traços narrativos ligeiros e dificilmente se encontrará uma peça em que não haja alguns momentos épicos líricos.

Logo para, o propósito deste trabalho, daremos ênfase ao gênero épico e dramático, numa visão adjetiva, como lembra Rosenfeld. Aqui, o conto e o teatro serão abordados como ponto chave do nosso projeto de intervenção.

2.3 O CONTO

O conto data seu início há mais de 4.000 anos antes de Cristo, de forma oral, narrado entre amigos para passar à noite, era uma espécie de seriado televisivo para as pessoas de hoje. O gênero só começa a apresentar formas literárias a partir do século XIV e ainda no século XIX quando Edgar Allan Poe e outros contistas passam a contribuir com a evolução do gênero.

Compreendemos o conto naquilo que defende Bakhtin (1997) como formas relativamente estáveis de texto, haja vista que não há regras que o determinem. Segundo Cortázar (2008, p.150) ninguém pode entender que só se devam escrever contos após serem conhecidas as suas leis. Em primeiro lugar, não há tais leis. No máximo cabe falar de constantes, de pontos de vista que dão uma estrutura a esse gênero tão pouco classificável.

Peculiaridades e várias descrições são atribuídas para que se possa definir o que é um conto, todavia é importante salientar que pode ser observada certa constante, certo ponto de vista que dão uma estrutura a esse gênero.

A fim de se entender melhor esse gênero literário, é comum fazer uma analogia ao romance, gênero mais conhecido pelos leitores. O conto inicia da ideia de limite e, em primeiro lugar, de limite físico, de tal forma que, se tiver uma grande extensão de vinte páginas, por exemplo, já passa pertencer a outro gênero.

Cortázar (2008) fala acerca da comparação entre conto e romance e leva a reflexão para o lado do conteúdo. Nota-se a preocupação no que concerne à qualidade do conto quanto ao tema abordado. Para ele, o conto é significativo quando rompe suas próprias expectativas

com a explosão de energia espiritual que vai além da pequena história. Todo tema abordado tem grande expressividade e, por isso, pode ser bom ou ruim a depender do contista.

Assim Cortázar (2008, p. 152) afirma:

O contista sabe que não pode proceder cumulativamente, que não tem o tempo por aliado; seu único recurso é trabalhar em profundidade, verticalmente, seja para cima ou para baixo do espaço literário. E isto que assim expresso parece uma metáfora, exprime, contudo, o essencial do método. O tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar essa “abertura” a que me referia antes. Basta perguntar por que determinado conto é ruim. Não é ruim pelo tema, porque em literatura não há temas bons nem temas ruins, há somente um tratamento bom ou ruim do tema.

Então é relevante notar que para o conto ser apaixonante e instigante, o autor tem de ser astuto, tem de prender o leitor com uma composição que não o deixe absorto.

É notável que os contos têm um poder muito grande de chamar a atenção dos adolescentes, pois esses leitores possuem uma sensibilidade, às vezes, maior do que a do adulto, principalmente no que concerne ao conto de terror, talvez pela intensidade que esse gênero comporta. Cortázar (1993) nos lembra que nos contos há obrigatoriamente uma constante tensão a qual deve ser despertada desde as primeiras cenas a fim de que o leitor possa se sentir atraído pelo tema abordado na história. Essa foi uma das razões que incentivaram este estudo com a meta de pensar sobre a relevância do gênero conto para o desenvolvimento da leitura e do teatro no processo de escolarização do discente.

Pretendemos utilizar a vocalização e a dramatização para uma melhor fruição na compreensão e desenvoltura do texto literário, dessa maneira, os PCN (1997, p.75) afirmam que, por meio de representação de textos teatrais ou de adaptações de outros gêneros, é permissivo ao aluno explorar o plano expressivo da própria entoação como tom de voz, ritmo, aceleração, timbre possibilitando, assim, uma leitura expressiva.

Muitas vezes, questiona-se acerca da leitura oral como metodologia em sala de aula, a intenção aqui é utilizá-la como estratégia que deverá servir no processo de ensino e não de forma velada, mecanicista. Quando se lê em voz alta, nota-se que os alunos se preocupam mais na entonação e na dicção do que aquilo que está sendo lido, porém se bem encaminhado o processo, os discentes perceberão que para a dramatização da leitura, faz-se necessário tornar-se um leitor crítico capaz de avaliar aquilo que lê (cf. KLEIMANN, 2007).

2.4 O TEATRO

O teatro é uma forma de arte, em que as pessoas envolvidas representam um acontecimento vivido por personagens, e também, é o local onde ocorre essa atividade.

Personagens e ambiente são indissociáveis na composição do ato cênico, ou seja, o(s) ator(es), o diálogo, o gesto, o movimento do corpo, a maquiagem, o vestuário, o adereço, a iluminação, a sonoplastia, o palco, o cenário são indispensáveis para a realização teatral (cf. Guinsburg, 2006).

Rosenfeld (2006, p.35) afirma que:

Como o texto dramático puro se compõe, em essência, de diálogos, faltando-lhe a moldura narrativa que situe os personagens no contexto ambiental ou lhes descreva o comportamento físico, aspecto, etc., ele deve ser caracterizado como extremamente omissivo, de certo modo deficiente. Por isso necessita do palco para completar-se cenicamente. É o palco que o atualiza e o concretiza, assumindo de certa forma, através dos atores e cenários, as funções que na épica são do narrador. Essa função se manifesta no texto dramático através das rubricas, rudimento narrativo que é inteiramente absorvido pelo palco. Fortes elementos coreográficos, pantomímicos e musicais, enquanto surgem no teatro declamado constituído pelo diálogo, afiguram-se por isso em certa medida como trações épico-líricas, já que a cena se encarrega no caso de funções narrativas ou líricas, de comentário, acentuação e descrição que não cabem no diálogo e que no romance ou epopeia iriam ser exercidas pelo narrador. O paradoxo da literatura dramática é que ela não se contenta em ser literatura, já que, sendo “incompleta”, exige a complementação cênica.

Para Zunthor, é importante salientar que, no teatro, a performance não apenas está junta ao corpo das personagens, todavia ao cenário também. Essa união se valoriza pela noção de teatralidade. A ideia que se tem é que o corpo do ator não é o elemento único, o que mais é significativo, o mais importante é o espaço de ficção. Assim a distinção entre “teatralidade” (quando o espaço de ficção para uma peça está programado) e “espetacularidade” (quando não há programação do espaço de ficção) torna-se relevante.

Imaginemos a seguinte situação: alguém vai a um teatro qualquer na intenção de assistir a uma peça que está em cartaz na sua cidade. Ao entrar no espaço destinado à apresentação ficcional, esse alguém vê apenas uma disposição cenográfica do ambiente sem a presença do ator, porque a peça ainda não começou. Pode-se dizer que nessa situação há teatralidade? O espaço faz com que o espectador note a teatralização e teatralidade do ambiente. A presença do ator não foi necessária para fazer esse registro. O sujeito que entrou no teatro percebeu que ali haverá uma encenação.

Agora, em outra ocasião, imaginemos uma peça teatral organizada por uma igreja a qual pretende mostrar aos seus espectadores a vida de um adolescente envolvido no mundo das drogas: dois jovens portando simulacros de arma de fogo entram em um ambiente religioso para “matar” outro jovem. Um policial que não sabia das intenções teatrais passava e viu ação abordando os dois rapazes dando voz de prisão a eles. Pode-se dizer que ocorreu teatralidade ali? Para o policial não, mas para os jovens, os envolvidos na produção cênica e os espectadores da igreja, sim.

Dessa forma Zumthor (2007, p. 41) afirma acerca da performance e da leitura:

O espaço em que se inserem uma e outra é ao mesmo tempo lugar cênico e manifestação de uma intenção de autor. A condição necessária à emergência de uma teatralidade performancial é a identificação, pelo espectador-ouvinte, de um outro espaço; a percepção de uma alteridade espacial marcando o texto. Isto implica alguma ruptura com o “real” ambiente, uma fissura pela qual, justamente, se introduz essa alteridade.

Dessa forma a teatralidade surge do saber dos envolvidos na produção cênica, desde que todos saibam as intenções do teatro. Ao saber essas intenções, o espectador muda a forma de enxergar o acontecimento transformando em ficção algo que parecia real.

2.4.1 A voz e o corpo

Nota-se que muitos alunos-atores apresentam certa dificuldade em fazer uma interpretação oral desejável de um texto escrito, em falar quando se está em cena. É perceptível que a escrita parece não ter um vínculo com a comunicação oral e o corpo do ator. É como se a palavra não possuísse força e expressão quando transpassada da escrita para a fala.

Zumthor (2007, p. 13) nos diz sobre dicotomia entre palavra oral e escrita:

Embora eu seja um homem da escrita por profissão (e em certa medida sinto-me e quero-me um escritor), sempre experimentei um interesse afetuoso, e, às vezes, uma paixão pela voz humana, ou mais, pelas vozes, porque elas são por natureza particulares e concretas. Na conclusão do meu *Introdução à poesia oral* deixei-me levar por uma espécie de confiança sobre esse ponto, mas o livro inteiro, quase sem que eu o tenha pretendido, deixa-se explicar por suas últimas páginas, presentes nas entrelinhas desde o começo. Sem dúvida, o leitor percebe, subjacente, como a nostalgia de um calor e de uma liberdade que são as de uma infância (quase) perdida de uma história (quase passada).

Professei sempre a opinião de que, nas ciências humanas (qualquer que seja o objeto de estudo), a maior parte dos fatos se situa ao longo de uma escala que leva de um termo extremo a um outro. Por vezes, esses termos extremos têm apenas uma existência teórica, no entanto, importa defini-los bem claramente, um após o outro, porque é a única maneira de alertar as pessoas sobre os fatos que medeiam, tendo em conta sua especificidade.

Dito isto, nada mais é estranho ao meu temperamento e a minha prática do que o uso de oposições nitidamente demarcadas.

Apesar da dicotomia, Zumthor vê a voz como a concretização da palavra escrita a qual deve ser absorvida totalmente pelo ator a fim de que ele perceba o quão expressivos podem ser a atuação de sua voz e corpo como parte da cena. O jeito peculiar, o amor, o desejo e a vontade adjacentes aos propósitos do personagem formam aquilo que movimenta a voz no momento em que se fala, gerando novas maneiras de expressão.

Zumthor considera, com efeito, a voz, não somente nela mesma, mas em sua qualidade de manifestação do corpo e que o representa de forma total. Performance implica competência.

A competência seria o saber-ser. É um saber que implica e comanda uma presença e conduta. Uma compreensão do ser coordenando espaço e tempo, uma ordem de valores encarnada em corpo vivo. A performance é reconhecimento e realiza, concretiza, faz passar algo que se reconhece, da virtualidade à atualidade. Enfim, é uma conduta na qual o sujeito assume aberta e funcionalmente a responsabilidade e o conhecimento daquilo que se transmite e está ligada àquilo que a natureza performática afeta o que é conhecido. De qualquer jeito, ela modifica o conhecimento. A performance é o único modo vivo de comunicação poética.

De acordo com Zumthor, para que um texto seja reconhecido como poético (literário) ou não, só depende apenas do sentimento que nosso corpo tem. Quando não há prazer, ou o texto cessa, ou muda de natureza.

Na prática da leitura do texto literário, faz-se necessária a participação do corpo para uma modificação formadora do leitor. Segundo Oliveira (2010), a literatura pode reascender os sentidos daquele que lê no ato da leitura e o leitor pode reverberar esse afloramento através de sua voz e de seu corpo.

É de suma importância, para esse trabalho, distinguir, no que concerne à voz, a leitura oralizada da vocalização. A primeira diz respeito meramente ao processo de decodificação de um texto que está atrelado apenas a erros e acertos dos vocábulos, quanto que o segundo, e é esse a que pretendemos focar, é permeado pela imprevisibilidade que pode despertar novos sentidos e emoções a partir da leitura sem a preocupação de ter a forma perfeita da imposição da voz.

De acordo com Oliveira (2010, p. 287):

Quando a vocalização de textos literários assume essa instancia de jogo, ela permite deslocamentos, pois o sujeito, ao ir em direção ao texto, afasta-se de si. Paradoxalmente, porém, ao mesmo tempo o leitor reconhece a si próprio em sua voz. A leitura vocalizada faz que o sujeito se flexibilize, dê voltas em torno de si, (re)inaugurando sentidos em suas leituras de mundo, das próprias palavras e de si mesmo. O sujeito revisita-se na vocalização, tanto por entrar em contato com um texto quanto por ser esse momento de experimentação do próprio corpo.

A experiência da leitura vocalizada em relação contrária à oralizada permite ao aluno-leitor uma chance de se encontrar com a palavra literária por meio de um vínculo de sensações as quais o corpo de cada um perceberá mediante a leitura.

2.4.2 Teatro de sombras

O teatro de sombras originou-se no Oriente. Essa arte milenar funda-se na exibição de pessoas ou objetos a fim de encenar uma história por trás de uma tela a qual recebe uma luz para refletir as imagens. O procedimento para a formação desse tipo de espetáculo é simples: é preciso de no mínimo uma fonte de luz que lance sobre um tecido branco as figuras desejadas a fim de que sejam projetadas.

Essa é uma expressão artística muito conhecida em vários países, mas foi na China no século X que o teatro de sombras ganha certa expressividade. Inicialmente essa arte era apresentada apenas a uma elite, todavia com o passar do tempo acaba tomando as demais classes da sociedade e passa a ser dramatizada nas ruas da antiga China.

Na época, não se utilizavam pessoas para representar as personagens, porém figuras eram produzidas a partir do couro de burro, de boi ou de ovelha. Essas figuras possuíam o tamanho entre 30 e 50 centímetros e eram manipuladas por pessoas que eram denominadas mestres, uma vez que possuíam extrema capacidade e destreza para manipulação.

O teatro de sombras já persiste por mais de 3.000 anos e mesmo assim continua ativo e persiste ao tempo sempre se adaptando às alterações do mundo atual.

Uma das alterações que merecem destaque diz respeito à iluminação. Com o avanço da tecnologia, as lâmpadas abastecidas com azeite foram substituídas por lâmpadas elétricas. Com isso, ganhou-se mais segurança para a dramatização, já que o óleo quente poderia causar queimaduras no manipulador, além de um possível incêndio acidental.

Outras alterações perceptíveis vão desde a produção dos bonecos com o material já mencionado até a inserção de materiais elétricos sonoros, ademais há ainda a divulgação dessa arte na imprensa televisionada. Todas essas mudanças foram necessárias para manter o teatro de sombras vivo e agradável ao público.

Para Figueiredo (2008, p. 45) sobre a modificação do teatro de sombras:

Contudo, o teatro de sombras resiste ao tempo, pois seus artistas se adaptam facilmente às mudanças mesmo que para isso tenham que abrir mão de suas características originais, de sua essência. E essa essência a qual me refiro diz respeito àquele fazer artesanal, rudimentar, feito com simplicidade, sem auxílio de máquinas. Paradoxalmente, foi graças aos avanços tecnológicos que chegaram a estes povos através da globalização que esta arte se mantém viva e renovada.

O teatro de sombras chegou à Europa em meados do século XVIII. As escolas de origem católica começaram a utilizar a arte como forma de catequizar.

No Brasil, o teatro de sombras ainda é algo muito recente, porém é bastante difundido aqui por agradar ao público. Basta uma simples pesquisa no Youtube para confirmarmos as centenas de trabalhos já produzidos em território nacional.

Em razão de tantas dúvidas em como realizar essa atividade com os alunos, esse gênero teatral me foi apresentado por meio de uma sugestão deles mesmos como uma “luz” para que nosso projeto pudesse ser concretizado sem que houvesse mais problemas em relação à execução. Os “medos” que possuía no que concerne a personagens, principalmente, o Gato, foram sanados com essa proposta.

Inicialmente fiquei curioso já que nunca havia feito nada igual com esse tipo de teatro, porém em conversas com os estudantes e também pesquisando sobre a arte mencionada, percebi que poderíamos realizar essa ideia. Também fiquei receoso uma vez que em meio à era tecnológica, utilizaríamos uma arte muito antiga.

De acordo com Figueiredo (2008, p.74) em relação a essa dicotomia:

A tecnologia, hoje, faz parte da vida do homem, assim como é possível fazer teatro de sombras com uma vela e um pano, também é possível o uso de recursos tecnológicos para enriquecer ainda mais esta arte milenar. Hoje, o próprio teatro de sombras está em contato com a alta tecnologia através da utilização de diferentes lâmpadas, projetores e câmeras, mesas de edição, monitores digitais e materiais industrializados para a confecção de silhuetas e telas, além do uso da música gravada em estúdios.

Todos estes avanços tecnológicos provenientes da modernização chegaram até o oriente, através da globalização e afetaram o teatro de sombras no seu fazer original, em suas raízes e tradições. Assim como o Ocidente recebeu esta arte de herança dos orientais, estes também sofreram as influências do mundo ocidental, principalmente estas provenientes da modernidade.

Aqui percebemos que o teatro de sombras se adequou às mudanças temporais e culturais e ainda permanece encantando e proporcionando ao público emoções sem iguais. Dessa forma, trabalhar com esse tipo de teatro foi um experiência inovadora para mim e também para muitos alunos que até então não passaram por algo semelhante.

3 VIDA E OBRA DE EDGAR ALLAN POE

Edgar Allan Poe foi um norte-americano que nasceu na cidade de Boston em 1809 e se tornou ao longo de sua curta vida um dos maiores escritores da literatura mundial.

A vida desse homem não foi nada fácil. Os seus pais, David e Elizabeth, eram atores na mesma cidade de Boston e além do próprio Poe, eles tiveram outros dois filhos: William Henry Leonard Poe e Rosalie Mackenzie Poe. O relacionamento na família era conturbado. David era alcoólatra, ademais eles enfrentavam problemas financeiros, o que tornava a situação familiar mais complicada ainda.

Acredita-se que existia um grande rancor por parte do David em relação a sua esposa, já que a crítica local o considerava como um ator sem qualidade e muito inferior a ela. Em 1810, o pai de Edgar abandona esposa e filhos. Pouco tempo depois, Allan foi adotado por uma família bem sucedida financeiramente que lhe propôs uma educação de qualidade num internato em Londres.

Em 1820, ele voltou aos Estados Unidos e continuou os seus estudos em uma escola de Richmond, Virgínia. Em 1821, escreveu seus primeiros poemas. Em 1826, entrou na Universidade de Virgínia. Nessa época, envolveu-se com jogo e álcool.

Em 1827, publicou seu primeiro livro de poemas “Tamerlão e Outros Poemas” com dinheiro que conseguiu quando estava no exército. Em 1831, publica o livro “Poemas”. Em 1832, começa a se dedicar ao gênero Conto, leitura breve que pudesse ser publicada em pouco tempo. Ele acaba enviando suas produções literárias a várias revistas da época. A partir daí, participa de concursos, começa a ficar famoso e ganhar dinheiro. Em 1833, recebe um prêmio de 50 dólares do Baltimore Saturday Visitor por seu “Manuscrito Escrito Numa Garrafa”. Esse conto retrata a viagem embarcada de uma tripulação que foi quase totalmente perdida devido a um furacão em alto mar.

Dois anos após, Allan foi contratado para ser editor literário da Southern Literary Messenger. No ano seguinte, casou-se com a sua prima, Virgínia Eliza Clemm Poe, de apenas treze anos de idade, o que causou assombro à sociedade da época.

A década de 1832-1842 foi um progresso na carreira de Poe. Após esse período, inicia a decadência do profissionalismo e também de sua saúde, assim como de sua esposa Virgínia. Edgar tenta emprego no governo em Washington em 1843, mas não obteve êxito. A cada dia, fica mais difícil sua situação socioeconômica. Ainda em 1843, a condição financeira melhora um pouco quando participa de um evento bastante concorrido nas grandes cidades dos Estados Unidos. O conto “O Escaravelho de Ouro” lhe dá o reconhecimento no concurso literário,

Dollar Newspaper da Filadélfia. Nesse mesmo ano, Edgar escreve o conto por nós trabalhado aqui, O Gato Preto.

Em 1844, vai para Nova York. Em 1845, publica “O Corvo”, poema que foi divulgado lhe rendendo a fama. Ainda nesse mesmo ano, trava uma luta contra Longfellow, um poeta de grande influência na época.

Um ano após a publicação do Corvo, o quadro de saúde de Virgínia, esposa de Poe, se agrava. Ele se muda junto a sua família para Fordham onde se instalaram em uma casa deteriorada. Em 1846, surgem O Barril de Amontilado e um estudo sobre uma de suas obras primas, O Corvo A Filosofia da Composição.

Quero aqui ressaltar e falar um pouco devido à forma como esse escritor desenvolveu o estudo sobre O Corvo A Filosofia da Composição. Aqui pretendo mostrar que escrever não é algo tão simples como se pensa. O ensaio mencionado sobre O Corvo gerou grande repercussão positiva por parte da crítica da época. Nessa construção textual, Edgar informa o processo de criação do poema. Allan Poe desfaz toda ideia de que para escrever era preciso estar inspirado naturalmente. Ele mostra que a metodologia de criação foi de muito trabalho e de uso do raciocínio. Com isso, tenta desmistificar a forma como se produz uma obra prima. Poe (2011, P, 17) defende que um texto deve ser planejado até o fim antes que o autor escreva uma só linha.

Ainda acerca da filosofia da Composição, Allan (2011, p. 19-20) diz que:

É meu propósito deixar claro nenhum detalhe de sua composição pode ser atribuído como acidente ou intuição- que o trabalho foi realizado passo a passo, até o final, com a precisão e a rígida consequência de um problema matemático.

Poe vai de encontro ao pensamento romântico de que o escritor teve uma “iluminação” e produziu algo magnífico. Aqui ele deixa claro que é preciso planejamento e conhecimento sobre o que se pretende produzir.

Quando Poe iniciou o planejamento do Corvo pensou em qual seria a intenção ao escrever esse poema. Explica que a intenção dele era agradar tanto ao público como à crítica. Outro ponto importante para o sucesso do poema em questão foi o pensar sobre a extensão que ele deveria ter e o impacto que esse tamanho provocaria no leitor. Muitas vezes podemos escrever uma simples frase que remeta ao efeito desejado pelo escritor que em duas folhas não seria possível. Então pensar nesse etapa era de suma importância para o efeito desejado. Ele chegou à conclusão que o número adequado para atingir suas intenções no texto seria de 100 versos. Essa extensão seria suficiente para gerar o efeito pretendido.

A beleza e elevação da alma eram os pontos pelos quais Edgar se preocupou em escrever a fim de se obter esses efeitos pretendidos. É claro que aquilo que se deseja nem sempre é alcançado uma vez que o leitor é um ser subjetivo e depende muito como cada um estará para fazer suas próprias interpretações, ademais vale ressaltar que o estado de espírito temporal de cada leitor é algo que varia constantemente. Hoje posso “amar” um poema, mas depois, a depender de como esteja me sentindo, transformar esse sentimento em seu antônimo ou simplesmente não ter mais sentimento algum.

Um outro aspecto importante para a construção da obra é o tom. Até esse momento, ele já pensou na extensão, no objetivo de escrever, nos efeitos pretendidos e agora a forma como esse poema deve ser lido. Poe opta pela melancolia.

Poe também defini a estética com a qual faria O Corvo. Para efeito artístico ele escolhe a forma de refrão a fim de que transparecesse a sensação de ida e volta do tom escolhido por ele. Como se gerasse monotonia contínua durante todo o poema.

Allan pensou também em um ser irracional para repetir a expressão ao fim de cada verso: nunca mais. A fim de passar o ar de melancolia, ele escolheu o Corvo como personagem mais adequado a sua intenções.

Outro passo importante foi pensar o tema. Edgar explica (2011, p. 25)

Eu tinha avançado até a concepção de um Corvo, a ave agourenta, repetindo monotonamente a expressão “nunca mais” no final de cada estrofe em um poema de tom melancólico, com uma extensão de cerca de cem versos. Então, sem nunca perder de vista o objetivo – superioridade ou perfeição em tudo, eu perguntei a mim mesmo: “de todos os temas melancólicos, qual deles, de acordo com a compreensão universal da humanidade, é o mais melancólico de todos?”. Morte, foi a resposta óbvia. “E quando, eu disse, o mais melancólico dos temas é mais poético? Considerando o que já expliquei com certo detalhe, a resposta neste caso também é óbvia – quando ela está mais aliada à beleza: então, a morte de uma mulher bonita é, inquestionavelmente, o tema mais poético do mundo, e também não há dúvida de que os lábios mais adequados para este tema são os de um amante enlutado”.

Poe mostra que a literatura não ocorre como num passe de mágica, que sai automaticamente. Como bem demonstrou, é necessário planejamento e traçar objetivos para que a boa literatura possa ser concretizada.

Em 1847, Virgínia não resiste à doença e morre. Em virtude desse acontecimento, Allan enfrenta um período de depressão e doenças, além de ter feito poucas composições já que não existia ânimo nem disposição para tal.

Em 1848, Edgar tenta se casar novamente a fim de talvez retomar sua vida e amortizar os danos do passado. Ainda em 1848, publica Eureka, um ensaio sobre o processo de escritura, e que foi considerado por ele mesmo como sendo de extrema importância, a ponto de ter escrito a sua tia, Maria Clemm, que nada mais escreveria após a publicação desse poema.

Edgar Allan Poe morreu em 1849, antes de sua morte nesse mesmo ano, viajou a Philadelphia e Richmond com o intuito de fazer outras leituras em voz alta e solicitar ao público assinaturas para uma futura revista. Todavia, infelizmente, é encontrado numa sarjeta em Baltimore no dia 3 de outubro num estado alucinatório. Poe ainda foi levado ao hospital, mas no dia 7 do mesmo mês faleceu. A causa da sua morte permanece ainda como um mistério. Uns defendem a ideia de que houve uma conspiração para a morte dele, outros afirmam que foi em decorrência da vida desregrada devido ao alcoolismo.

Segundo Philippov (2004, p. 36) sobre a morte de Poe diz que:

A ausência de documentos do hospital e a entrevista concedida pelo médico que cuidou de Poe durante seus últimos momentos de vida não esclarecem muito. Mais recentemente, aventaram-se outras possibilidades: por ter havido um provável surto de hidrofobia nos arredores de Baltimore, alguns biógrafos sugeriam que essa pudesse ser a causa mortis. Cartas de contemporâneos amigos de Poe, como Sarah Whitman, argumentam que Poe era alérgico à álcool e, portanto, incapaz de se embriagar. Outros mencionaram envenenamento, hipótese estudada recentemente por um grupo de médicos e pesquisadores da Johns Hopkins University. O resultado dessa pesquisa, publicado em 2003 e veiculado pelo Discovery Health Channel nos EUA no mesmo ano, relata que a análise laboratorial de fios de cabelo de Poe e Virgínia atesta a presença, sim, de substâncias químicas venenosas liberadas pelo constante uso de lâmpadas como única forma de iluminação na primeira metade do século XIX. Segundo esse estudo, o acúmulo lento de tais substâncias poderia ter levado à estranha patologia de que matou Edgar Allan Poe.

Allan Poe deixou poemas, contos e romances com tema de mistério e de horror. Edgar relatava que nada seria tão romântico que um poema sobre a morte de uma mulher bonita.

É considerado o pioneiro do conto policial. Suas obras se aprofundam na tristeza e as histórias de morte refletiam os tormentos do autor. Era considerado também como escritor de notória capacidade analítica em modernas histórias de detetive. Seu primeiro conto policial foi “Assassinatos na Rua Morgue” (1841).

4. ANÁLISE DA NARRATIVA “O GATO PRETO”

A narrativa é um tipo de texto que expõe uma determinada ordem de ações, reais ou fictícias, nas quais as personagens executam papéis em certo espaço e tempo.

Segundo Gancho (2006, p.6) o texto narrativo apresenta em sua estrutura cinco elementos fundamentais para a sua existência: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

Baseado nesses elementos, pretendemos analisar uma história de Edgar Allan Poe “O Gato Preto” a fim de entendermos melhor a composição dessa obra.

O texto analisado de Poe pertence ao gênero literário Conto. Foi escrito em primeira pessoa, o narrador é a própria personagem. Não há um tempo histórico exato estabelecido, todavia percebe-se que o enredo soa como uma confissão de uma ação vivida pela personagem principal a fim de libertar-se da culpa e do remorso. Quanto ao espaço, a trama se passa majoritariamente em um único ambiente, a casa do protagonista. É possível perceber também que o narrador parece estar encarcerado no início do enredo e que está prestes a ser executado pelo crime que cometera.

Nesse conjunto de fatos que compõe a nossa história, analisaremos sua estrutura e também sua natureza ficcional.

O nosso conto começa quando o narrador, um prisioneiro, que, com sua morte bem próxima, resolve contar sua história de vida.

Desde criança, ele sempre foi amante dos animais, casando-se com uma mulher que tal qual possuía grande feição aos bichos. O casal tinha muitos bichos: cão, peixe e inclusive um gato preto enorme cujo nome era Plutão. O felino era o seu preferido, mas com o tempo o narrador começou a nutrir um sentimento de desapego e aversão ao animal.

O protagonista, após algum tempo, já influenciado por sua “doença”, o alcoolismo, assim denominada por ele, começou a largar sua fúria sobre o seu outrora tão estimado gato, e num ato súbito de maldade, ele puxa o canivete do bolso e arranca um olho do felino. Em consequência a esse ato de perversidade, o gato não mais próximo a ele ficava e, após outra noite, regada a muito Gim veio o ultimato: no jardim de sua casa, em uma árvore, o narrador enforcou o gato. Pouco tempo depois, como uma maldição, a casa em que morava pegou fogo e a única coisa que ali restara foi uma figura de um gato enforcado.

Após um tempo, em um bar, o protagonista vê, em cima de um barril de bebida, um outro gato tão idêntico quanto seu antigo felino, a única diferença era uma mancha branca, em formato de forca, que envolvia o pescoço do bicho.

O novo animal foi uma tentativa de recompensar os males que havia feito ao seu antigo gato, todavia, em mais um momento de ódio, o narrador, ao tentar matar o atual felino, acaba assassinando a sua esposa com um golpe de machado bem no centro de sua cabeça. Vendo aquela situação, o protagonista, tranquilamente, esconde o cadáver da esposa na adega de sua casa por trás de uma parede que ele mesmo construiu.

No fim do conto, um grupo de policiais apareceu inesperadamente na casa e procedeu uma investigação. Após muita análise da polícia, o narrador, confiante demais na forma como escondera o corpo, acabou acidentalmente revelando o local onde o cadáver de sua esposa estava e não somente ela, mas o gato que com gemido delator entregou o assassino ao grupo de investigadores.

Notemos que todo o conto possui uma lógica que o torna verdadeiro ao leitor. Esta credibilidade é proveniente da forma como o texto foi organizado dentro da história. Cada ação da trama leva a uma consequência. É notória a verossimilhança na relação causa e efeito dentro do enredo quando, por exemplo, o narrador em consequência ao alcoolismo e à própria “maldição” do gato, arranca o olho do felino, quando a casa pega fogo em consequência mística à morte do gato ou quando a esposa é assassinada quando tentava evitar a morte do gato.

No que diz respeito às partes do enredo, Gancho (2006, p. 7) afirma que:

Para se entender a organização dos fatos no enredo não basta perceber que toda história tem começo, meio e fim; é preciso compreender elemento estruturador: o conflito.

O conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor.

A nossa história apresenta o conflito interior do protagonista o qual passa por uma crise psicológica em decorrência do álcool e também por elementos sobrenaturais advindos do bicho de estimação.

O desfecho, como parte do enredo, é trágico, típico de contos de terror. O protagonista é preso pela polícia, a esposa assassinada e o gato, como que reencarnado, é o único que sai “ileso” da história.

A narrativa é estruturada em um conflito o qual é desempenhado pelas personagens. Elas podem ser principais ou secundárias de acordo com a importância dada na construção do enredo.

Segundo Gancho (2006, p. 9 e 10):

O personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala. Se um determinado ser é mencionado na história por outros personagens mas nada faz direta ou indiretamente, ou não interfere de modo algum no enredo, pode-se não o considerar personagem.

Bichos, homens ou coisas, os personagens se definem no enredo pelo que fazem ou dizem, e pelo julgamento que fazem dele o narrador e os outros personagens. De acordo com essas diretrizes podemos identificar-lhes os caracteres ou características, estejam eles condensados em trechos descritivos ou dispersos na história.

Desde a pequenice, a nossa personagem se destaca pela docilidade e humanidade do seu caráter. A ternura de seu coração era tão visível que se tornara chacota entre os colegas de infância. Casou-se cedo com uma companheira que tal qual era doce e afável.

Durante longos anos, assim permanecera o protagonista, todavia uma mudança psicológica horrenda o transformava. Dia após dia, ficava mais mal-humorado, mais irritado, mais negligente com os sentimentos alheios. A partir daí, percebe-se uma modificação no comportamento da personagem principal.

A primeira pergunta que se pode fazer acerca desse conto é: por que um gato? E por que preto?

Nada foi aleatório, há uma série de misticismo e simbolismo por trás dessa escolha.

Na intenção de escrever um conto macabro, cheio de obscurantismo, Poe escolhe um gato preto que popularmente é símbolo de azar, é símbolo das trevas, o qual representa um auxiliar de bruxa disfarçado. Os gatos estão relacionados de acordo com o folclore popular, ao mal, à escuridão. A cor preta simboliza o mundo subterrâneo, o demônio, as trevas. Além de tudo isso, vale ressaltar que essa personagem tão importante para o desenvolvimento da trama era chamada de Plutão. Não coincidentemente, Plutão, para a mitologia romana, era o deus dos mortos e das riquezas. A partir dessas informações, pode-se afirmar que Poe, ao adotar essa personagem com esse nome, queria trazer essa origem obscura para a sua história.

Papel importante para a função mantenedora do enredo, pouco se fala sobre a esposa do protagonista. O que se percebe é que ela era uma mulher amável ao seu marido e tinha tal qual como ele, outrora possuía, grande feição aos animais.

A esposa foi vítima de um ódio incontrolável da personagem principal. Pelo desenrolar do conto, é perceptível que ela era conformada e paciente até ser assassinada por quem tanto cuidou.

Nas obras de ficção, em boa parte das vezes, não é o criador da história que se direciona ao leitor. O criador produz um interventor entre o leitor e a ficção. Esse interventor é denominado narrador.

De acordo com Gancho (2006, p. 21):

As variantes de narrador em primeira pessoa ou em terceira pessoa podem ser inúmeras, uma vez que cada autor cria um narrador diferente para cada obra. Por isso é bom que se esclareça que o narrador não é o autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e, portanto, só existe no texto. Numa análise de narrativas evite referir-se à vida pessoal do autor para justificar posturas do narrador;

não se esqueça de que está lidando com um texto de ficção (imaginação), no qual fica difícil definir os limites da realidade e da invenção. Este pressuposto é válido também para as autobiografias, nas quais não temos a verdade dos fatos, mas uma interpretação deles, feita pelo autor.

É importante deixar claro que o autor, no nosso caso Edgar Allan Poe, apesar de ter certa semelhança com o narrador no que diz respeito ao alcoolismo é um ser humano real e está distante do plano da ficção. Pode-se afirmar, no máximo, que o autor é uma pessoa que se esconde atrás de um narrador para criar suas histórias de fantasias.

Às vezes, leitores acabam confundindo autor com narrador porque utilizam o mesmo pronome pessoal (eu) para fazer referência a si mesmos nas narrativas, entretanto não é correto dizer que o autor é aquele quem fala, uma vez que o narrador é criado para atender a um pensamento de ficção e que quase sempre diverge totalmente da forma de ser do autor.

Acerca do narrador em primeira pessoa ou narrador personagem, Gancho (2006, p. 20) afirma:

É aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto tem seu campo de visão limitada, isto é, não é onipresente, nem onisciente. No entanto, dependendo do personagem que narra a história, de quando o faz e de que relação estabelece com o leitor, podemos ter algumas variantes de narrador personagem.

Para Gancho (2006), as variantes de narrador personagem são: narrador testemunha que é umas das personagens do enredo, todavia geralmente não é a principal e narrador protagonista que é peça central da história.

No conto, notamos que o narrador é personagem, pois a história é passada em primeira pessoa como no excerto (Gouveia, 2007, p. 11): “Na mui extravagante, ainda que mui despreziosa narrativa que estou prestes a escrever, não espero nem peço que acreditem. Louco, sem dúvida, seria eu se...” nota-se no trecho que a narrativa é marcada pela subjetividade do narrador.

O narrador da nossa história é denominado também como protagonista uma vez que todos os acontecimentos do enredo giram em torno dele em consequência às atitudes por ele tomadas no desenrolar da trama.

Como elemento da narrativa, o tempo se divide em duas perspectivas; sendo elas tempo cronológico, também chamado de real ou externo, e tempo psicológico, denominado também como individual ou interno.

No conto O Gato Preto, a forma temporal utilizada é a psicológica tendo em vista que o narrador inicia a história relatando fatos ocorridos em outra época num fluxo de consciência, como podemos observar no trecho:

Mas vou morrer amanhã, e hoje quero pôr para fora o que me pesa na alma. Meu objetivo imediato é colocar perante o mundo, de maneira simples, sucinta e sem comentários, uma série de eventos domésticos banais. Por suas consequências, esses eventos me aterrorizaram, me torturaram e me destruíram. Mesmo assim, vou tentar explica-los. Para muitos, parecerão menos terríveis que grotescos. No futuro, talvez seja possível encontrar algum intelecto que reduza o meu fantasma ao lugar-comum; algum intelecto mais calmo, mais lógico e muito menos excitável que o meu, o qual nada perceberá nas circunstâncias que passo a narrar com espanto e terror, além de uma corriqueira sucessão de causas e efeitos muito naturais. (Gouveia, 2007, p. 11)

Para Gancho (2006), tempo psicológico é o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens, ou seja, modifica a ordem natural dos acontecimentos. Está, pois, ligado ao enredo não linear. Nota-se facilmente logo nas primeiras linhas do conto que o narrador em tom de confissão pretende contar algo de terrível que aconteceu em sua vida num tempo passado por meio de flashbacks caracterizando o tempo psicológico da narrativa.

Sempre quando falamos em espaço nos vem à cabeça o ambiente onde a história é narrada. Para Gancho (2006) espaço é, por definição, onde se passa a ação narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos, ou se o enredo for psicológico, haverá menos variedade de espaços.

No conto tomado como objeto de estudo, é perceptível que o enredo se inicia provavelmente em uma prisão já que o narrador diz que irá morrer no outro dia dedutivamente de um sentença de pena de morte pelo crime o qual cometera (Gouveia, 2007, p. 11): “Mas vou morrer amanhã, e hoje quero pôr para fora o que me pesa na alma.”. Em seguida, percebe-se que as ações se passam quase que totalmente no espaço residencial do narrador como podemos comprovar no trecho:

O cortinado de minha cama estava em chamas. A casa inteira estava ardendo. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar da conflagração. A destruição foi completa. Toda a minha riqueza terrena foi devorada pelo fogo, e, daí em diante, entreguei-me ao desespero. (Gouveia, 2007, p. 15 e 16).

O espaço na história é bem pequeno uma vez que as ações mais relevantes do enredo se restringem à residência do narrador. O relacionamento com os gatos da história e sua esposa acontecem entre os cômodos da casa ampliando os impactos dos eventos ocorridos.

Uma parte interessante logo após o trecho acima mencionado é o de que uma parte da parede da casa em chamas ficou intacta, obviamente, com um intuito para o ponto chave do terror despertado pelo conto.

As paredes tinham desabado, com a única exceção de uma parede interna, não muito grossa, mais ou menos no meio da casa, e na qual antes se encostava a cabeceira de minha cama. Ali o estuque resistira em grande parte à ação do fogo – o que atribuí ao

fato de ter sido recentemente aplicado. Uma multidão compacta aglomerou-se em volta da parede, e muitas pessoas pareciam estar examinando uma certa parte dela com uma atenção muito ávida e meticulosa. As palavras “estranho!”, “singular!” e outras expressões similares espicaçaram a minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como se estivesse gravada em baixo-relevo na superfície branca, a figura de um *gato* gigantesco. A impressão me foi passada com uma precisão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em volta do pescoço do animal. (Gouveia, 2007, p. 16)

Edgar Allan Poe foi deixado clara a intenção dele em criar esse ambiente para gerar a tensão pretendida para o conto de terror. Nota-se a partir do fragmento supracitado que algo macabro ainda está por vir, já que a imagem do gato enforcado aparece, indicando um possível retorno dele em expectativa de vingança. O que para quem já leu e sabe do conto, será confirmado mais à frente na trama da narrativa.

Gancho (2006) diz que é muito comum, nos romances policiais ou nas narrativas de suspense ou terror, certos aspectos do ambiente constituírem pistas para o desfecho que o leitor pode identificar numa leitura mais atenta.

Para concretizar o que defende Gancho a narrativa nos traz um “novo” gato que podemos interpretar dedutivamente ser Plutão reencarnado. O espaço ao final do enredo proporciona um desfecho já esperado pelo leitor.

A propósito, senhores, esta é uma casa muito bem construída – em furioso desejo de falar alguma coisa com desembaraço, eu mal sabia o que estava dizendo. – Eu diria até que esta é uma casa *excelentemente* bem construída. Estas paredes... Já estão indo, senhores?... Estas paredes são solidamente assentadas.
E aí, pelo simples frenesi de bravata, bati com força, com a bengala que tinha na mão, bem naquela parte da alvenaria atrás da qual estava o cadáver da minha amada esposa. (Gouveia, 2007, p. 24)

Notemos que todo o espaço da narrativa foi planejado para que se executassem com perfeição as intenções de Allan Poe a fim de proporcionar o terror típico de uma obra dessa magnitude.

Um ponto interessante nesse desfecho para demonstrar o ponto de vista do narrador acerca do crime que cometera está no seguinte fragmento:

Falar dos pensamentos que me passaram pela cabeça seria tolice. Desfalecendo, cambaleei até a parede oposta. Por um momento, o grupo permaneceu imóvel na escada, em um paroxismo de terror e assombro. No momento seguinte, uma dúzia de braços robustos labutava na parede. Ela caiu inteira. O cadáver, já bastante decomposto e coberto de sangue coagulado, apareceu ereto perante os olhos dos espectadores. Sentado em cima da cabeça, com a boca vermelha escancarada e o olho solitário fulgurando, estava o animal hediondo cuja astúcia me levava a cometer um assassinato, e cuja voz delatora me entregara ao carrasco. Eu tinha emparedado o monstro na tumba. (Gouveia, 2007, p. 24)

Nesse trecho, é possível notar que o narrador tem a intenção de se isentar da culpa pelo assassinato da esposa jogando a responsabilidade para o animal. Em contra partida, podemos

perceber também que, na integralidade do desfecho, o narrador demonstra “querer ser descoberto” enganado pela própria confiança em seu serviço como pedreiro ao construir uma parede que segundo ele era muito resistente. Talvez fosse ali uma tentativa de se entregar à polícia, já que se não fossem suas insinuações jamais teria sido descoberto.

Ao finalizar o conto O Gato Preto de Edgar Allan Poe, podemos averiguar que o depoimento do narrador sobre toda a história a qual o levava à prisão é complexo, pois durante a narrativa há a impressão de que ele quer se demonstrar inocente do crime cometido jogando todas as intempéries vividas para o gato preto, sendo esse a fonte de todas as mazelas típica do conto fantástico.

Para Philippov (2004, p. 47 e 48) sobre o conto fantástico:

De fato, a presença do fantástico enquanto gênero pode ser traçada na obra de Poe com certa facilidade: vários de seus contos recorrem ao bizarro, ao sobrenatural, ao burlesco, ao estranho de forma recorrente até. Trata-se do caso de contos como “The Fall of the of Usher”, “Ligeia”, “Morella”, “The Blac Cat”, “Never Bet the Devil your Head”, dentre tantos outros. O fantástico em Poe costuma ser descrito pela crítica como forma de se alcançar a idealidade e de se explicar a presença do fenômeno dentro da própria realidade objetiva: são personagens inquietantes, situações inexplicáveis racionalmente, porém aceitas como normais dentro do contexto em que aparecem. Afinal ninguém questiona a presença do fenômeno, nem o narrador, nem as personagens expostas ao fenômeno fantástico.

A obra se torna mais instigante ao leitor, pois a construção do ambiente na história influencia diretamente no fantástico presente no texto literário. Assim temos o dilema entre o real e o imaginário, tema recorrente na obra de Edgar Allan Poe.

Philippov (2004, p. 48) ainda faz uma análise do conto estudado nessa dissertação:

Em “The Black Cat”, temos um narrador embriagado acometido pelo súbito desejo de tortura (arrancar o olho) e enforcar seu gato de estimação. Logo em seguida, surge um novo gato diametralmente igual ao primeiro, sem olho na casa. O animal se afeiçoa ao dono, mas esse se irrita com a presença de um gato que o faz constantemente lembrar o crime cometido. Em fúria logo após sua casa ter misteriosamente incendiado, tenta matar o novo gato, mas sua esposa interfere, sendo assassinada brutalmente. O marido, aparentando calma inquietante, cava uma cova na parede do porão, ou do que restou dele depois do incêndio, e oculta o cadáver da mulher... a presença de um duplo gato, da tentativa de homicídio sem razão, do enlouquecimento do narrador, do isolamento social da família, são fatores que causam estranhamento no leitor, indicando atmosfera e enredo irrealis. Todos os fatos são tidos como aceitáveis e relatados pelo próprio narrador, seu primeiro leitor, já na prisão.

Podemos dizer que o narrador não premeditou o crime, uma vez que foi tomado por uma raiva súbita momentânea para tal. A vida levada pelo alcoolismo pode ter influenciado no desmanche de caráter da personagem. O que se pode afirmar com toda a certeza é que ele não sentiu remorso pelo ato cometido o que nos leva a acreditar que não existia mais tanto afeto dele para a esposa.

Em resumo, “O Gato Preto” está abarrotado de simbolismo. O texto traz consigo, no próprio título e nas ações do enredo que culminaram no assassinato da esposa do narrador, um misticismo baseado na mitologia romana. Edgar Allan Poe escreve com excelência uma história que se passa em um ambiente familiar. Neste conto, animal e homem convivem num vínculo de ação e reação em que os instintos animais e humanos se entrelaçam.

5 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA INTERVENTIVA

Ao mesmo tempo em que a existência da literatura no ambiente escolar diminui, percebe-se a discussão intensificada acerca da formação do aluno enquanto leitor e sobre a responsabilidade da escola nesse processo.

A literatura deve ser vista como necessária para o alcance de uma consciência moral e social de um povo, por isso é importante pensar a literatura na escola como relevante para as práticas sociais advindas da leitura. O ponto central entre essas condutas educativas em volta da literatura deve ser a união entre leitor e texto.

Rouxel (2013, p. 17) alerta que, antes de se questionar a maneira de ensinar literatura, é preciso refletirmos sobre alguns aspectos:

A primeira concerne às finalidades, às intenções e aos objetivos de ensino da literatura: ensinar literatura para quê? O para quê determina o como. Métodos e finalidades estão ligados. Trata-se de aumentar a cultura dos alunos? (Qual cultura?), de formar leitores? De contribuir para a construção de suas identidades singulares ou de propiciar, pelo compartilhamento dos valores, a elaboração de uma cultura comum, o sentimento de pertencimento a uma comunidade nacional? Esses elementos não se excluem e compõem o espectro das possibilidades entre as quais é lícito escolher ou não escolher.

A segunda preliminar concerne à definição da literatura: que literatura ensinar? A abordagem dos textos varia segundo o estatuto do texto estudado e de seu grau de “legitimidade”: texto canônico, clássico versus texto contemporâneo; Literatura geral, com “L” maiúsculo, versus literatura juvenil. Ela depende ainda do modo de apresentação do texto estudado: fragmento ou obra integral. Essa preliminar é igualmente determinada por seu pertencimento de gêneros e pelos saberes disponíveis – e didatizados- no campo. Esses diferentes parâmetros interferem e tornam complexa, como veremos, a tarefa dos professores.

Por fim, é preciso, evidentemente, levar em conta os avanços teóricos que configuram um novo quadro para refletir sobre o ensino de literatura.

O desenvolvimento de um aluno leitor, responsável e crítico, apto a produzir sentido de modo autônomo e de apresentar sua receptividade, faz-nos refletir o ensino da literatura e suas modalidades práticas em sociedade. Por meio dela, é possível formar alunos de caráter, de sensibilidade e de consciência dos outros e do mundo que os rodeia.

Para Rouxel (2013), há algumas etapas importantes para o ensino da literatura: o aluno como sujeito leitor, os saberes sobre os textos e os saberes sobre si. Acerca do primeiro ponto, é preciso partir da recepção do discente, convidá-lo à interpretação, reforçando suas competências pela aquisição de conhecimentos e de métodos. A segunda etapa diz respeito ao conhecimento dos gêneros, poética dos textos, funcionamentos do discurso, etc. esses saberes só serão despertados no âmbito da leitura, como, por exemplo, a leitura de uma obra integral e não apenas de fragmentos. A outra etapa concerne aos saberes sobre si mesmo os quais remetem

aos pensamentos particulares e emoções acerca do texto literário. É a subjetividade do estudante enquanto se faz uma leitura.

Lecionar leitura e escrita tem sido papel da escola desde sua criação, sendo esse ofício incentivado desde a entrada da criança até a saída dela da instituição escolar.

Sempre que se menciona o ato de ler e os problemas advindos dele, quem está de prontidão é o professor de língua portuguesa para tentar sanar os obstáculos, por ventura, surgidos da comunicação, embora essa competência não diga respeito apenas a ele. Ao trabalhar com leitura, esse profissional, muitas vezes, só dispõe na escola do livro didático. Neste, a literatura é vista como fragmento de um texto, uma vez que, em diversas situações constatáveis em qualquer livro didático oferecido aos alunos de escolas públicas ou privadas, não se tem o início ou o desfecho de um romance por exemplo, em muitos casos, esse fragmento só acaba servindo para análise gramatical e acaba frustrando tanto o professor como o discente enquanto leitores. Zilberman (1988, p. 112) diz:

Ao atuar com leitura, todavia, esse professor não associa e imediato ao livro de ficção ou, quando se trata das séries iniciais, à literatura infantil. Seu horizonte é mais específico (talvez se pudesse afirmar: mais estreito), já que o objeto de leitura que preferentemente circula na escola é o livro didático. Neste, a literatura faz sua entrada de modo distinto: é texto, parte de um todo mais completo, empregado com a finalidade de se alcançar certa aprendizagem.

O texto provém de uma obra literária, tomada integral, como um poema ou um conto, ou parcialmente como um segmento de romance. Porém, ao ser transportado de uma situação a outra, ele assiste ao obscurecimento de sua origem – o livro de onde proveio, o patrimônio artístico e cultural a que pertenceu. É o que permite ao livro didático tomar, diante do texto, liberdades consideradas descabidas se adotadas perante um objeto de arte. O texto, assim, representa a literatura já dessacralizada pelo ensino, mas, ao mesmo tempo, alvo de técnicas e atitudes que afastam progressivamente a ficção do seu destino: ser consumida pelo ato individual da leitura.

Oliveira (2010, p. 279) também esclarece que:

Quanto ao ensino fundamental, há nessa etapa, o risco de excessiva escolarização do texto literário, o qual por vezes fica circunscrito a sessões do livro didático compostas geralmente de textos curtos seguidos de atividades de interpretação. Quando o trabalho com a literatura, entre o sexto e o nono anos, resume-se à leitura do texto preestabelecido no material didático com a finalidade de resolver exercícios, o livro sai de cena e o ensino de literatura vira resolução de tarefas.

É preciso enxergar que o trabalho de obras literárias deve se dar com o texto integral e também não somente para fins de resolução de atividades o que, com certeza, será um avanço para a educação dos leitores. O ato de ler, ainda que limitado como função do professor de língua portuguesa, para que seja valorizado e projeto da escola deve ser visto como uma atitude cujo sentido se encerre nele mesmo.

A prática do professor é sempre um trabalho árduo que exige muita pesquisa e reflexão a fim de que coadune com a realidade dos estudantes. Para isso, é importante que o docente

fique atento às necessidades dos alunos no ambiente escolar para mantê-los sempre entusiasmados com relação ao ensino da literatura.

Porém é preciso pensar no que realmente é o ensino da literatura e como realizá-lo. Cosson (2013) diz que o docente do ensino superior em literatura recebe de forma deficiente a formação própria para ser professor. Ele diz ainda que apesar do conhecimento que os estudantes vivenciam enquanto estagiários, a formação para um ensino de literatura ainda está aquém do esperado.

Ademais Cosson (2013) enfatiza que a pouca produção teórica e metodológica em literatura proporciona a dificuldade no pensar literário e alerta que o professor não encontra propostas específicas para o ensino fundamental. O autor aponta que o professor de literatura tem de ser antes um leitor de textos literários se quiser enfrentar essas barreiras.

Pensando nesse problema, Cosson (2013) afirma que somente tendo amplo conhecimento literário é que se pode pensar naquilo que será trabalhado com os discentes.

Outro aspecto importante é quando pensamos nas contribuições da teoria para o ensino da literatura, todavia esses estudos não devem ser colocados em um patamar superior em relação com a experiência vivida com as obras literárias.

Pinheiro (2006) defende que o texto literário deve ser visto como eixo central em detrimento ao conceito e da teoria. Para ele, deveríamos buscar e incentivar em nossas escolas uma reflexão sobre a literatura e suas experiências efetivas e contínuas da leitura. O uso de conceitos teóricos poderá ser trabalhado ao final de uma leitura de uma obra a depender da necessidade dos estudantes, ou seja, o ensino teórico não pode ser introdução na literatura, realmente importante é o encontro com a obra literária em primeiro plano

Portanto, cabe a nós, os professores, darmos a devida atenção ao estudante enquanto sujeito crítico, dar vez a fala do aluno a fim de que o discente consiga se inserir no mundo da literatura.

5.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para realização deste projeto, utilizaremos, como base teórica, **Letramento Literário:** teoria e prática de Rildo Cosson (2016).

As atividades propostas em salas de aula devem considerar o processamento do letramento literário e não somente a leitura de contos, novelas ou quaisquer outros gêneros. A literatura consiste em desempenho e discurso, cujo andamento, o aluno deve compreender de

forma crítica. Cabe ao professor mostrar aos seus alunos como ir além da mera consumação do texto literário e também mostrar o prazer que há nesse processo.

Nesse trabalho, utilizaremos uma sequência básica baseada em três perspectivas metodológicas, Cosson (2016, p. 48 e 49) diz:

A primeira dessas perspectivas é a técnica bem conhecida da oficina. Sob a máxima do aprender a fazer fazendo, ela consiste em levar o aluno a construir pela prática seu conhecimento. Em nosso caso, o princípio da oficina se faz presente na alternância entre as atividades de leitura e escrita, isto é, para cada atividade de leitura é preciso fazer corresponder uma atividade de escrita ou registro. Também é a base de onde se projetam as atividades lúdicas ou associadas à criatividade verbal que unem as sequências. A segunda perspectiva é a técnica do andaime. Trata-se de dividir com o aluno e, em alguns casos, transferir para ele a edificação do conhecimento. Ao professor, cabe atuar como um andaime, sustentando as atividades a serem desenvolvidas de maneira autônoma pelos alunos. Em nossa proposta, o andaime está ligado às atividades de reconstrução do saber literário, que envolvem pesquisa e desenvolvimento dos projetos por parte dos alunos. A terceira perspectiva é a do *portfolio*. Tomado como empréstimo das áreas publicidade e finanças, passando pelas artes visuais, o uso do *portfolio* oferece ao aluno e ao professor a possibilidade de registrar as diversas atividades realizadas em um curso, ao mesmo tempo em que permite a visualização do crescimento alcançado pela comparação dos resultados iniciais com os últimos, quer seja do aluno, quer seja da turma.

A inserção dessa três perspectivas metodológicas pode ser observada nos quatro passos de uma sequência básica, os quais veremos mais à frente, sugeridos por Cosson.

A metodologia a ser acolhida para este projeto almeja, por meio de uma sequência didática, na Escola Estadual Élia de Barros, situada em São Gonçalo do Amarante, para a turma do 9º ano A, responder uma questão um tanto complexa:

Como o ensino do gênero de texto “conto de terror” pode ajudar no despertar do interesse pela leitura e conseqüentemente pela produção de textos?

Acerca da escrita, Koch e Elias (2009, p. 32) afirma que:

Apesar da complexidade que envolve a questão, não é raro, quer em sala de aula, quer em outras situações do dia-a-dia, nos depararmos com definições de escrita, tais como: “escrita é inspiração”; “escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados (aqueles que nascem com esse dom e se transformam em escritores renomados)”; “escrita é expressão do pensamento” no papel ou em outro suporte; “escrita é domínio de regras de língua”; “escrita é trabalho” que requer a utilização de diversas estratégias por parte do produtor.

Essa pluralidade de respostas nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

A importância de se adquirir respostas para a indagação dessa pesquisa é justificada pelo fato de pretender mostrar como o professor de português tem a possibilidade de trabalhar um gênero discursivo a fim de despertar maior interesse pela leitura e escrita, tornando o aluno

um produtor que pensa sobre aquilo que escreve e em seu leitor num processo interacional da produção textual.

O texto escolhido será “O gato preto” de Edgar Allan Poe. A escolha pelo autor foi minha, pois em se tratando desse gênero do discurso, nada melhor do que esse grande e renomado escritor do “terror”. Quanto à escolha da história, os alunos do nono ano optaram por esse título. Antes dessa decisão acerca da obra escolhida, mostrei alguns títulos e apenas por eles fizeram essa escolha. Tudo isso gerou certa suspense sobre o que ainda estaria por vir.

5.2 A SEQUÊNCIA BÁSICA

Para a elaboração da sequência básica utilizaremos a proposta de Rildo Cosson expressada no livro: **Letramento Literário: teoria e prática**.

A sequência básica do letramento literário na escola é formada, segundo Cosson (2016), por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

5.2.1 Motivação (Duas aulas)

Os professores e os alunos de uma escola são um dos principais fatores para o sucesso de uma educação de qualidade, por isso encontrar maneiras de tornar mais motivador o dia a dia escolar vai traduzir-se numa melhoria significativa do desempenho educacional. Mas para conseguir aumentar esta motivação é preciso primeiro compreendê-la e reconhecer que fazer uma criança ter gosto pela leitura e pela escrita não é algo tão simples de se conquistar. Para tornar uma aula atraente e tentar despertar entusiasmo nos alunos é preciso que o professor esteja ciente do interesse que a turma na qual esses discentes estão inseridos possui. É necessário também que o professor se mostre aberto a mudanças para instigar seus alunos. Cosson (2016, p. 52) em uma de suas experiências com docentes diz:

Fora dos moldes tradicionais dos cursos que até então tinham feito, os professores reagiram, a princípio, com certa descrença. Alguns chegaram a questionar em voz alta a utilidade e o fim daquelas atividades aparentemente desligadas de sua função de guardadores de livros. Aos poucos, entretanto, seguindo o fluxo das atividades, começaram a participar, a rir e a descobrir que ler e escrever rimam com prazer e que a biblioteca escolar é muito mais do que o lugar onde se guardam os livros.

Sabendo disso, a fim de se obter um resultado significativo, muitas vezes é importante que o professor experimente o novo e que também possa, inicialmente, seguir até mesmo uma proposta do gosto literário elencada pelos alunos.

Nesse sentido, inicialmente, pretendo mostrar aos alunos do nono ano um vídeo sobre a história O Gato Preto de Edgar Allan Poe disponível no youtube¹ o qual foi produzido e encenado por alunos de uma escola particular do Paraná em 2011. Vale salientar que o vídeo não esgota e aparece como um “aperitivo” para a obra integral.

O ponto inicial dessa motivação mantém laços estreitos com o texto original, uma vez que não aborda todos os detalhes que só a obra escrita possui. Assim, lançarei um pequeno questionamento sobre o porquê do título do conto ser “o gato preto” e não qualquer outro animal ou qualquer outra cor. Outro ponto seria: se o título fosse mudado, por exemplo, “o cachorro branco”, haveria mudanças na forma que cada aluno absorveu o texto com o título modificado?

Após essas primeiras indagações, os alunos deverão apresentar oralmente e de forma breve seus julgamentos sobre as questões levantadas.

Para o passo seguinte, pedirei aos alunos da turma que disponibilizem em seus celulares a história trabalhada, já que a biblioteca da escola dispõe de apenas três exemplares da obra. Orientarei também para que não façam ainda a leitura do conto, uma vez que esta estratégia do “suspense” faz parte do desenvolvimento do projeto.

5.2.2 Introdução (Duas aulas)

Nesse segundo passo, planejo falar um pouco sobre Allan Poe, todavia não tenho a intenção de traçar um percurso sobre a vida dele, mas apenas de situá-lo quanto escritor e também demonstrar o porquê das suas escolhas por obras de terror. Cosson (2016, p. 60) afirma:

Muitas vezes achamos que aquela obra é tão interessante que basta trazê-la para os alunos. Ela vai falar por si só. De fato, ela fala e pode até prescindir da intervenção do professor, mas quando se está em um processo pedagógico o melhor é assegurar a direção para quem caminha com você. Por isso, cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha. Nessa justificativa, usualmente se evita fazer uma síntese da história pela razão óbvia de que, assim, se elimina o prazer da descoberta. Em alguns casos, entretanto, essa estratégia pode ser usada justamente para despertar no leitor a curiosidade não sobre o fato, mas sim sobre como aconteceu.

Diante disso, falarei sobre o conto e a importância dele naquele situação. Ao falar sobre a história, não ultrapassarei além do que já foi exposto no vídeo do passo anterior, apenas situarei os alunos sobre a história que vimos em uma aula passada, uma vez que o tempo entre uma aula e outra pode fazer com que alguns detalhes sejam perdidos. O interessante é que eles participarão dessa apresentação da obra na retomada do que já sabem sobre o conto.

¹Disponível em: https://youtu.be/X_WCfY_pueE. Acesso em: 05 nov de 2017.

A partir desse momento, orientarei aos alunos que façam a leitura do conto em suas casas.

5.2.3 Leitura (Duas aulas)

É importante compreender a função da leitura em suas diferentes modalidades: leitura pelo professor, leitura pelo aluno, leitura compartilhada, leitura para apresentar aos outros. Ler e apreciar um texto, atribuir sentido a ele, reler, comentar, comparar com outras leituras, ouvir o que dizem outras pessoas sobre o mesmo texto e ampliar seu olhar são ações que desenvolveremos nesse novo passo. Entretanto é importante ressaltar o que alerta Cosson (2016, p. 62):

Usualmente, o professor solicita que o aluno leia um texto e, durante o tempo dedicado àquela leitura, nada mais faz. Se for a leitura de um pequeno texto a ser feita em sala de aula, de fato há pouco o que se fazer a não ser esperar que o aluno termine a tarefa. Todavia, quando tratamos de livros inteiros, esse procedimento já não é adequado. A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo de leitura.

Nessa nova etapa da sequência básica, pretendo auxiliá-los a fim de sanar as possíveis dificuldades que surgirão como ritmo do texto, vocabulário e estrutura do gênero. Durante essas duas aulas compreendidas em um único dia e em horários seguidos, farei pequenas pausas para que os alunos comecem a mostrar suas compreensões e expectativas do conto que estão lendo.

5.2.4 Interpretação (Quatro aulas)

Nessa última etapa sugerida por Cosson (2016), inicia-se o ápice da sequência, é o momento da concretização por meio da conclusão a que chegaram o professor e os alunos acerca da obra lida. A interpretação envolve ações numerosas e distantes de serem agregadas, uma vez que toda reflexão literária traz de forma velada ou nítida um ponto de vista do que seja interpretação de textos literários. Essas interpretações ocorrem de duas formas: uma interiorizada (que vai da decodificação à vida de leitor do aluno) e outra exteriorizada (aqui acontece a efetivação do ato interpretativo como forma de construção de sentido por meio da partilha da interpretação entre alunos e professor).

Nesse sentido, para a realização da sequência básica, proponho aos alunos uma atividade que se transforme no registro da culminância desse projeto, assim sugiro uma

performance dramatizada sobre o conto “O Gato Preto” afim de que a turma do nono ano possa exteriorizar o que compreenderam. Acerca da dramatização, os estudantes farão, entre si, a escolha de assumir as diferentes funções que compreende o teatro: atores, sonoplastia, cenário, por exemplo. A partir disso, começaremos os ensaios para efetivar nossa ação. A ideia do teatro não é nada fácil de ser concretizada, já que demanda tempo e paciência, além de exigir dos alunos uma postura mais desinibida, contudo, ao longo do tempo que trabalho com eles, notei que alguns já participam de grupos teatrais na própria comunidade em que moram, São Gonçalo do Amarante, com isso, o trabalho pode virar algo de extremo prazer, uma vez que já faz parte do cotidiano de alguns dos participantes.

5.2.5 Avaliação

Enquanto professores, devemos refletir acerca do método avaliativo do texto literário pelo qual os alunos passam. É enfadonho dizer que em muitos espaços educacionais o momento da “aprendizagem” acontece por meio de uma prova apenas, todavia é preciso rever esse modo de avaliação. Proporcionar diversas atividades permite aos alunos e ao professor uma forma ampla de diagnóstico as quais devem ser analisadas durante todo o processo de ensino e aprendizagem a fim de que se cumpram os objetivos predeterminados pelo docente, entretanto sem a pretensão do famigerado “certo ou errado”. Aqui é preciso ver as impressões subjetivas de cada aluno sem julgamento, pois uma avaliação negativa pode afastar o discente da leitura literária. Com isso não pretendo dizer que a famosa avaliação final de cada processo seja banida, mas que não absorva toda a responsabilidade para ela apenas.

Algo muito importante também nessa empreitada é a auto avaliação reflexiva do aluno tanto no que diz respeito ao que já aprendeu quanto do que sentir dificuldades.

Para Cosson (2016, p.112):

Na área de ensino de língua materna, essas novas concepções de avaliação são articuladas com os novos paradigmas de ensino na área, como se observa no caso da produção dos textos. Em relação a essa prática de linguagem, demanda-se a eliminação das chamadas situações artificiais de interlocução, devendo se buscar interlocutores efetivos na escritura e a reescritura de textos. Também é rejeitada a excessiva preocupação com a ortografia e a forma do texto em detrimento do registro daquilo que o aluno deseja dizer. Não é conveniente que a produção escrita seja um mero pretexto para a correção da norma culta, mas sim um espaço de interlocução de cujas informações aluno e professor podem se apropriar para verificar a eficácia do uso da linguagem.

Cosson (2016) ainda nos lembra que o aluno muitas vezes é visto como simples receptor do conteúdo veiculado pelo texto e pelo professor. A fim de acabar com esse estigma, é preciso ver o discente como sujeito. Nessa concepção, o docente deve compreender e aceitar

as subjetividades dos alunos, já que elas são uma forma autêntica dos discentes que os une ao texto.

Cosson (2016, p. 113 e 114) propõe ao professor o texto como uma experiência e não como um conteúdo a ser avaliado, para isso mostra três pontos de apoio para o processo de leitura:

O primeiro deles está nos intervalos que acompanham a leitura da obra. São momentos de checagem do andamento da leitura que ajudam o professor e os alunos a compartilhar suas impressões iniciais e, no caso de obras mais longas, rever as hipóteses lançadas na introdução. Aqui não se pode esquecer que todo início de leitura é, necessariamente, subjetivo e impressionista. Se o professor conduz o aluno nesses primeiros passos, sem censurá-lo e reconhecendo sua leitura como própria, buscando aprofundar essas primeiras impressões, então terá melhores resultados. O segundo e o terceiro pontos de apoio estão muito próximos: são a discussão e o registro da interpretação. Na discussão é possível que se façam as correções da leitura, entendendo-se que essa correção é apenas um momento da avaliação, aquele que aponta um caminho a ser seguido após um diagnóstico do percurso percorrido e a ser percorrido para se atingir determinado objetivo. Já o registro da interpretação após a discussão permite verificar o balanço final, ou seja, se o objetivo da leitura foi alcançado. Usualmente, o professor reserva esse produto para receber uma nota, mas é importante que essa nota reflita o processo de leitura como um todo e não apenas seu resultado final.

Portanto, precisamos lembrar que a leitura do texto literário deve ser vista como um processo contínuo à proporção que tornamos vasto nosso acervo de leitura. A forma avaliativa deve auxiliar esse método sem causar barreiras que impeçam os alunos de prosseguir no mundo da literatura. A avaliação deve contemplar as impressões individuais que caracterizam o aluno como sujeito.

6 DA LEITURA À ENCENAÇÃO

Neste ponto da dissertação, faremos a descrição dos eventos ocorridos durante a experiência com o projeto de intervenção por nós desenvolvido. Nesses relatos, constataremos as percepções positivas e negativas, além do ganho pedagógico ao explorar a desenvoltura vocal, corporal, leitora e escrita dos discentes. No decorrer desse trajeto, fizemos registros em sala de aula a fim de que nos auxiliassem na execução da atividade proposta.

Como já declarado, para a efetivação desse projeto de intervenção, adotamos o conto O Gato Preto de Edgar Allan Poe disponível no livro adaptado por Ricardo Gouveia: O Gato Preto e outras histórias.

No dia 23 de outubro de 2018, fiz uma reunião com os alunos do “9º A” a fim de tratarmos sobre o nosso projeto de intervenção o qual já fora mencionado em outros momentos em sala de aula.

Disse-lhes, mais uma vez, que a intenção era desfrutar da leitura para que pudéssemos vivenciá-la por meio da dramatização.

Inicialmente, achei que iria me frustrar, mas para minha felicidade, estava enganado. Os estudantes se empenharam de tal forma que fiquei sem acreditar em tamanha dedicação.

Relembrei que, antes de iniciarmos a leitura do conto, nós assistiríamos a uma versão de outros alunos de uma escola para analisarmos como esses recepcionaram o conto de Edgar Alan Poe.

Quando disponibilizei o vídeo, ouvi dos meus alunos vários julgamentos acerca da apresentação e interpretação dos estudantes da outra escola. Uns disseram: “Esse conto de terror está mais parecendo uma comédia”; “O canivete do homem na imagem parecia um facão”. Comentários como esses demonstram que o “espírito de julgamento” dos alunos do Élia estava acionado e que sobre aquele conto um trabalho “melhor” poderia ser desenvolvido. Nesse momento, não fiz um posicionamento prolongado, apenas disse que aquela era uma forma de perspectiva da obra e que deveria ser prestigiada e respeitada, ademais registrei em uma folha o parecer dos meus alunos frente à dramatização presenciada.

Outro ponto interessante para ser mencionado aqui é que três discentes da turma já conheciam a história. Um deles passou a relatar que nem todas as cenas foram mostradas fielmente ao conto e devido a isso considerava um erro de produção. Já os outros disseram que se tratava de uma adaptação de acordo com a ótica daqueles estudantes, e que dessa forma, não havia problemas, já que a interpretação variaria.

Na aula seguinte, disponibilizei o conto na íntegra, bati algumas xerox e entreguei a cada um deles para que naquele momento fosse feita uma leitura partilhada. A ideia de disponibilizar o conto estudado no celular não foi viável, já que nem todos os alunos levavam o aparelho à escola por diversos motivos: medo de ser roubado, os pais não deixavam... ademais nem todos os discentes possuíam o objeto tecnológico para usufruir nesse momento, por tal motivo, acabamos tirando cópias dos exemplares que estavam disponíveis na biblioteca da escola.

O conto por nós trabalhado é uma adaptação do jornalista e autor de mais de trezentos roteiros para televisão e rádio, além de diversas peças de teatro, Ricardo Gouveia.

Quando todos já estavam com suas cópias, disse-lhes que deveriam se ajudar na leitura do conto. Eu iniciei e em seguida continuaram, cada um com sua parte.

À medida em que um aluno terminava para que outro seguisse, comentários surgiam. Já na primeira parte, um questionamento surgiu: “Professor, onde essa pessoa que conta a história está?” (Referia-se esse aluno ao espaço físico, ao lugar) Na mesma hora, pedi para que os demais especulassem em qual ambiente se encontrara o narrador. As respostas foram variadas: “Estava escrevendo na casa dele.”; “Estava embaixo de uma árvore.”; “Estava no escritório de trabalho.”; “O personagem estava isolado em algum lugar.” e por fim aquela na qual acredito: “Estava em uma cela esperando pela condenação do crime que cometeu.”

O interessante é que esse último comentário foi feito exatamente pelo aluno que já havia feito a leitura do conto. Ele utilizou fragmentos do próprio texto para justificar: “Mas vou morrer amanhã, e hoje quero colocar para fora o que me pesa na alma” (p. 11) e também o trecho “Quase tenho vergonha de confessar- sim, mesmo nesta cela de delinquente...” (p. 20). Baseado nessas partes de texto, os demais alunos concordaram e seguiram com a leitura.

Mais à frente, exatamente na página 17 do referido conto, outros comentários surgiram sobre o narrador: “Ele era uma pessoa de poucos amigos e os animais que os pais davam a ele seriam como consolo para a solidão”; “Ele era maltratado pelos colegas de infância.” Esses pareceres dos alunos demonstram que existe uma preocupação em entender o psicológico do narrador, uma tentativa de saber como era seu comportamento e o quê de macabro o qual está por vir.

Todos esses comentários me deixaram bem motivado para dar continuidade ao projeto de ação. Ver o entusiasmo deles durante a leitura foi de extrema satisfação. Pensei comigo mesmo: se na leitura está essa euforia toda, imagina na dramatização!? Percebi naquele momento que nosso projeto seria bem sucedido.

É bom salientar também que apesar do entusiasmo da maior parte dos alunos, há sempre um grupo que não demonstra interesse. Todavia durante esse processo vamos ver se algo muda no comportamento desses. Notava também que alguns ficavam chateados devido ao “para-para” da leitura, mas considereei necessárias as interrupções para que eles visualizassem e sentissem o drama da história. Em decorrência dos vários comentários sobre as primeiras páginas do conto, não foi possível concluirmos o enredo em uma única aula.

Na aula seguinte, continuamos de onde paramos e com o passar das páginas e sempre com as intervenções elencadas pelos alunos, percebi mais uma vez que o trabalho com a literatura pode nos surpreender positivamente no que concerne à atividade de leitura com os estudantes. Foi necessário sair um pouco das “mesmices gramaticais” para notar que um bom texto, como esse, pode ser um sucesso na relação professor e aluno.

Em três aulas, consumamos toda a leitura do conto. Pode parecer muito tempo para uma história que não é tão extensa, todavia ressalto que os comentários vindos dos estudantes tomaram boa parte das aulas.

Em determinadas passagens do texto, discutíamos o que levara o narrador a ter momentos de raiva. Como resposta, relataram alguns motivos sem nexos, para mim, mas que considereei: fúria em decorrência da velhice, da vida monótona, e uma também que fui conivente: o álcool como fator para os momentos de ódio do personagem. É inevitável em meio à discussão não ouvir um relato pessoal de um ou outro aluno. E sobre o fator alcoolismo, um aluno mencionou ter problemas com o pai devido a essa questão. O ponto, nesse momento, não é ver a coerência entre a vida pessoal do meu aluno com o conto de Edgar Allan Poe, mas do professor ser sensível que o texto literário nos leva a refletir sobre nossa própria vida.

Outro momento em que discutimos bastante foi sobre a morte do gato enforcado em uma árvore. As reflexões foram diversas: desde a mistura de emoções decorrentes da vida levada pelo narrador até, e o mais surpreendente para mim, ações sobrenaturais em decorrência do nome do gato, Plutão. Não dá mesmo para subestimar esses jovens, principalmente no que diz respeito à mitologia. Fui aluno naquele momento. Segundo uma aluna, o nome Plutão foi dado àquele animal em homenagem ao deus do submundo de acordo com a mitologia romana.

Continuamos a leitura até o término dela e só então pedi para que eles fizessem um relatório escrito sobre como esse conto influenciou a vida deles, quais emoções sentiram durante a leitura, como foi participar da dramatização, quais recursos utilizaram para que a encenação se concretizasse e o que mais eles acharem conveniente expor. Nesse momento, em que passei a produção escrita, ainda não havíamos encenado, porém já deixei claro e antecipado

que eles deveriam trabalhar com a escrita. Dei o prazo de uma semana após a finalização da peça para que me entregassem essa atividade caracterizada como uma leitura subjetiva.

Após a conclusão da primeira etapa, conversamos em uma outra aula para debater sobre como faríamos a dramatização do conto. Confesso que fiquei com certa angústia, já que encenar o Gato Preto não seria nada fácil. Ficava imaginando quais cenas deveriam ser elaboradas, como seria o cenário, como “faríamos” o Gato (essa parte me preocupou muito). Se fosse o animal real, como controlá-lo durante a encenação!? Meu “medo” era que essa parte transmitisse realmente o terror e não uma comédia. Imagina um gato correndo para todos os lados e os alunos tentando detê-lo! Seria uma tragédia.

Foi então que uma “luz” apareceu, quando uma aluna disse: por que não fazer nossa peça em teatro de sombras? Naquela ocasião, fiquei parado e pensando como seria e pedi para que ela falasse mais sobre a ideia. Como uma solução simples, a estudante falou: “basta um TNT branco e um refletor. Nós podemos fazer toda a peça assim e o melhor, podemos fazer um molde de um gato para não precisarmos de um animal real.”

Sendo bem sincero, a ideia daquela garota foi extraordinária. Todos os problemas da dramatização poderiam ser resolvidos com essa solução. Para mim, uma grande incógnita havia sido vencida naquele momento.

Em seguida, começamos a definir quais e quantas cenas faríamos para a peça.

Inicialmente, lembrei de uma das conversas com o professor Fábio. Nessa, meu orientador disse que poderíamos começar com uma cena em que Edgar Allan Poe falasse um pouco sobre si e também sobre a história em questão. Achei a ideia genial, e então passei para meus alunos que de imediato acataram e assim o fizemos. O texto dessa primeira cena foi elaborado pelo aluno que faria o papel de Poe. O máximo que fiz, foram apenas alguns ajustes lexicais.

A dramatização do nosso projeto estava prevista para acontecer na véspera do dia de finados e, para contextualizar, a primeira cena traria uma menção a esse dia a fim de gerar maior tensão para o que estava por vir.

6.1 Descrição das cenas

Após muita conversa com os alunos decidimos que nossa peça teria dez cenas. Algumas criadas e outras com pequenas modificações lexicais e de origem à realidade do conto, mas que não mudasse o trajeto da peça a fim de tornarmos o texto mais compreensível para o público. Doravante, mostrarei como cada um dos atos foi formulado e também o que precisamos

para a elaboração de cada um deles. O roteiro completo da encenação pode ser visto no anexo-C dessa dissertação.

CENA 1

O motivo da morte de Edgar Allan Poe ainda é incerto. Pesquisamos acerca da causa do seu falecimento e percebemos que há vários relatos: suicídio, infecção por cólera, sífilis, assassinato e alcoolismo, todavia nenhum deles é definitivo. Em decorrência das tantas hipóteses, acabei acatando essa modificação no texto inicial já que esse não faz parte da obra.

Não coincidentemente, os alunos, no ato da pesquisa, tomaram conhecimento que a esposa de Edgar, Virginia Eliza Clemm, foi vítima de tuberculose e como dito antes, em meio a tantas dúvidas não esclarecidas, acabaram por relacionar essa causa da morte a Poe.

Outro aspecto que merece destaque na primeira cena é a inversão do “bom dia” para o “mau dia”. Ao questionar o estudante produtor do texto sobre o motivo de tal mudança, ele disse: “Como a peça dá ideia de terror, achei melhor começar de uma forma diferente”. Talvez o aluno não tenha percebido, mas essa alteração se enquadrou bem. Nossa intenção era proporcionar o terror ao público. Essa forma inusitada e não convencional, de certa forma, passa a ideia de que o personagem inicial não se preocupa com o bem-estar de quem os ouve e dessa forma, começamos nossa dramatização.

O texto inicial criado e dramatizado pelo aluno S. em forma de monólogo ficou da seguinte forma:

- Mau dia!
- Mau dia, alunos do Élia de Barros!
- Meu nome é Edgar Alan Poe.
- Nasci no ano de 1809 e faleci apenas 40 anos depois, vítima de uma tuberculose.
- Durante minha vida nada feliz, escrevi vários contos macabros e hoje, na véspera de finados, trago a minha alma perdida para lhes contar uma história de terror que assusta até mesmo os mais terríveis assassinos da humanidade.

CENA 2

A partir daqui um outro aluno chamado P.S. assume o papel do protagonista, ele ajuda a recriar e destacar quais cenas serão desenvolvidas na dramatização.

Para a próxima cena, o aluno P.S. deu a ideia de criarmos uma grade a fim de simular o ambiente de prisão. Também propôs que usássemos uma mesa para simular uma escrivaninha enquanto escrevia uma carta de confissão.

A fabricação da grade foi feita pelo aluno F. que utilizou varas e fita isolante para a formação do utensílio. Segundo ele, a produção desse objeto foi bastante complicada uma vez que teve de realizar essa atividade em sua residência sozinho. O importante é que mesmo com as dificuldades, ele conseguiu concretizar sua tarefa.

A mesa utilizada foi o birô o qual serve de apoio ao professor nas aulas convencionais. A aluna R. trouxe de sua residência uma toalha a fim de cobrir o objeto usado na produção da cena.

O texto utilizado para essa segunda parte foi retirado da própria obra com pequenas alterações:

- Vou morrer amanhã. Mas hoje quero lhes contar a história do meu crime. Louco seria eu se esperasse tal coisa. Principalmente em se tratando de um caso que meus próprios sentidos se negam a aceitar.

CENA 3

Na terceira cena, pensamos em fazer um episódio comum à família para demonstrar que o conto se passava em um ambiente tradicional assim como demonstra a história. Dessa forma, os alunos P. S. e L. encenariam a fim de mostrar o local vivido por um casal comum.

Montamos o cenário com o que tínhamos à disposição de uma sala de aula. Utilizamos as próprias cadeiras dos estudantes para simular um sofá e as cobrimos com um lençol que uma aluna trouxe. Utilizamos também uma das mesas dos alunos para servir como um centro de uma casa e sobre ela colocamos um pequeno jarro com flores e também uma garrafa.

Nesse ato, o aluno P. S. está sentado no sofá e L. por trás dele como quem estivesse fazendo um afago simulam uma conversa. Em uma determinada parte, o aluno pega o gato e o casal acaricia o animal. Enquanto isso, o narrador faz a leitura para completar a cena do seguinte texto:

- Eu era um homem dócil. Amava os animais e casei com uma linda mulher que também possuía os mesmos sentimentos que eu. Tínhamos vários animais, mas amávamos em especial um gato grande e bonito, todo preto. Plutão era seu nome.

CENA 4

Para a quarta parte do espetáculo, utilizamos mesa e cadeira da própria sala de aula. Além desses itens, P. S. trouxe um copo e uma garrafa a fim de simular um ambiente que transmitisse a visão de um bar. O texto ficou da seguinte forma:

- Eu era acometido de uma grave doença: o alcoolismo. Não conseguia passar um dia sequer sem tomar uma garrafa de conhaque e em razão disso, meu temperamento mudava constantemente. É como se um demônio tomasse conta de minha alma.

CENA 5

Na quinta cena, pensamos no enforcamento do gato. Queríamos retratar o momento em que o personagem chegava a sua casa embriagado, arrancava o olho do animal em um momento de fúria e logo após o enforcava em uma árvore no quintal de sua casa.

Para o cenário, trouxe um objeto que serve para pendurar roupas e o enchemos de folhas a fim de que parecesse uma árvore. Também montamos um ambiente que passasse a noção de que aquele episódio acontecia numa casa comum. Esta cena foi dividida em duas partes: uma dentro da casa e outra no quintal.

Depois de montado o cenário e pensado no episódio que queríamos transmitir, elaboramos o texto:

- Uma noite, ao voltar para casa muito embriagado, cismeique o gato me evitava. Eu então o agarrei, puxei uma faca de minha cintura e arranquei um olho de sua órbita. Não satisfeito ainda com o que acabara de fazer, levei o gato para o quintal de minha casa e o enforquei numa árvore.

CENA 6

Encerrada a quinta cena, pensamos numa sequência que desse celeridade ao conto e que não houvesse perda da tensão, portanto elencamos uma parte do texto que é essencial para o desenvolvimento da trama. Nessa circunstância, adotamos mais uma vez o ambiente de um bar, exatamente para dar dimensão ao problema de embriaguez da personagem. Ademais naquele momento fizemos o encontro do personagem como o novo gato.

O texto trabalhado:

Em mais uma noite de bebedeira, vi ao fundo uma criatura preta. Aproximei-me e toquei-a com a mão. Era um gato tão grande quanto Plutão e muito parecido com ele, inclusive

faltava um olho de suas órbitas. A única diferença era uma mancha branca ao redor do pescoço dele. Na intenção de reaver o erro que havia cometido contra meu velho animal, resolvi levá-lo para casa.

CENA 7

Para a dramatização dessa parte, os alunos P. S. e L. foram cruciais no palco. Mais uma vez, montamos o cenário a fim de que atendesse à narrativa do conto. Um terceiro aluno V. G., elaborou uma machadinha a qual foi utilizada aqui. Os três alunos fizeram uma bela participação. Cada um com sua atribuição.

O texto:

Ao chegar a minha casa, minha esposa me alertara de que aquele gato era Plutão reencarnado, pois a única coisa que os diferenciava era a marca ao redor do pescoço como se simulasse uma força.

Naquele momento, uma força incontrolável tomou conta do meu espírito e então ergui o machado e enterrei nos miolos dela.

CENA 8

Para o cenário nesse momento, utilizamos uma mesa e a cobrimos com um pano, à medida em que o narrador lia o texto, o personagem interpretado por P. S. puxava a garota, L., para trás dessa mesa que tinha por função naquela ocasião simular um muro de tijolos.

Texto:

Consumado o hediondo assassinato, tomei-me a tarefa de ocultar o corpo. Sabia que não podia removê-lo da casa, porque os vizinhos poderiam perceber. Assim resolvi construir um muro com um forte reboco e esconder o cadáver nele.

CENA 9

Na penúltima cena, precisamos de mais dois alunos para fazerem os papéis dos policiais. Para essas personagens, D. e R. se disponibilizaram para tais funções. A dramatização aqui se passa na casa do assassino que tenta ludibriar a polícia sobre o cadáver da esposa. O ambiente permaneceu como na cena anterior, somente sendo acrescentadas as novas personagens. O texto nessa ocasião foi o seguinte:

No quarto dia após o assassinato, um grupo de policiais chegou a minha casa, pois havia uma denúncia do desaparecimento de minha esposa. Acho que os vizinhos ouviram alguma coisa. Fiquei tranquilo com aquela situação, porém o maldito gato, que sumira desde a morte dela, começou a gritar incessantemente, parecia um barulho vindo do inferno como a agonia dos demônios em sua danação. E dessa forma aquele animal com voz delatora me entregou ao carrasco.

CENA 10

Essa parte não está no conto de Alan Poe. Ao final da leitura do texto, a aluna M. G. disse que não havia gostado do fim da história: “É como se estivesse faltando algo”, falava. Em seguida me perguntou se poderíamos fazer uma recriação. Pensei por um instante e pensei: por que não? Afinal a criatividade também faz parte desse projeto. Entusiasmada com a ideia perguntei qual era a ideia dela para o desfecho do conto e de imediato, ela sugeriu um enforcamento como medida punitiva para o ato do condenado. Os alunos gostaram também da ideia e assim preparamos o cenário para essa finalidade, porém no dia em que fomos encenar essa parte, não havia nenhum lugar para pendurar a corda, pois a sala em que montamos o cenário era forrada com PVC, ainda tentamos colar a corda com uma fita adesiva no teto, todavia a simulação não pareceria real, uma vez que não suportaria o peso do aluno S. Improvisadamente, pensando em uma nova forma, fizemos uma espingarda de papelão e mudamos a execução de enforcamento para fuzilamento. E dessa forma foi feita a última cena com o seguinte texto criado pelos alunos:

O amanhã já chegou e hoje serei executado pelo crime que cometi.

Que Deus me proteja e me livre das presas de Satanás.

É interessante perceber que o texto final faz referência ao início da peça quando o condenado diz que vai morrer amanhã. Foi uma ideia interessante que demonstra atenção ao desenrolar da narrativa.

6.2 Relato dos alunos

Todo o nosso trabalho de dramatização, disponível no youtube², foi realizado durante uma manhã inteira, iniciamos por volta das sete horas e só conseguimos finalizar por volta das

² Disponível em: <https://youtu.be/WGaLACrxazY>. Acesso em: 01 fev de 2019.

onze e trinta. O aluno V. G. ficou responsável pela edição do vídeo da encenação para que pudéssemos mostrar no evento que ocorreria na véspera do dia de finados de 2018. Inicialmente, pretendíamos fazer a peça ao vivo, mas como não havia espaço em uma sala de aula para que os alunos de outras turmas pudessem visualizar, já que eram muitos, decidimos utilizar um telefone celular para fazer a filmagem e sanar os possíveis problemas advindos dessa dificuldade.

Como já mencionado, dos alunos envolvidos, cada um teve sua participação, seja atuando na peça, seja na ajuda da formação do cenário.

Para a voz do narrador houve um pequeno “problema”. Pedi a alguns alunos que emprestassem suas vozes para esse papel, todavia não houve acordo. Acabaram insistindo para que eu fizesse essa parte e assim foi feita. Enquanto o aluno V. G. gravava o vídeo e os demais alunos encenavam, acabei simultaneamente fazendo a leitura das cenas.

Após um dia, o aluno responsável pela edição do vídeo conseguiu com muito esforço finalizar toda tarefa desenvolvida nesse quesito. A partir disso, ficamos à espera do dia do evento na escola para que pudéssemos mostrar nosso trabalho realizado.

A fim de concluir a realização da nossa proposta de intervenção, solicitei aos estudantes um registro escrito sobre suas percepções obtidas com o projeto. Infelizmente, nem todos os envolvidos entregaram a atividade requisitada, todavia durante as aulas, notou-se que muitos revelaram seus receios em relação à leitura. Com esse trabalho, acreditamos que o prazer pela leitura passou a se manifestar de forma positiva nos alunos.

Abaixo, destacamos fragmentos do trabalho de produção escrita que foi realizado pelos alunos envolvidos no projeto. A escrita na íntegra encontra-se no anexo-B. Vale destacar que infelizmente nem todos os alunos envolvidos finalizaram essa etapa da atividade.

M.:

“A aluna e participante do grupo de teatro R. tinha feito, com o auxílio do funcionário da escola cópias do livro de Allan Poe “O Gato Preto”. E ao início da nossa segunda reunião, foi distribuída uma cópia para cada aluno presente e uma para o professor e idealizador do projeto, Tales. Então, a aluna E. iniciou a leitura do conto e todo o grupo discutiu e deu ideias de como a página que ela havia acabado de ler seria melhor interpretada, após a leitura de duas páginas (a segunda página foi lida pela aluna D.) nós ficamos com um dever de casa: ler todo o conto e coletar ideias para a encenação da peça.”

D.:

“Fizemos várias leituras em sala com os meus colegas e o professor Tales, durante esses dias de leitura em grupo, servia de muita aprendizagem, trocávamos ideias e um ajudava o outro a compreender mais o conto, principalmente o nosso professor Tales. Fazíamos uma roda e nessa roda cada um de nós líamos uma parte do livro em que o professor mandara. A nossa peça foi produzida por nossas ideias e sugestões, uma das ideias que uma de nossas colegas tinha nos dado era de fazer um teatro de sombras e a ideia foi genial porque nós iríamos apresentar essa tão esperada peça no dia da festa do Halloween da escola e nós iríamos apresentar no pátio da escola, mas, tinha muita claridade e não daria para fazer o teatro de sombras por lá, então daí surgiu a ideia de fazer a peça em teatro de sombras em vídeo.

Começamos a montar as cenas com nossas ideias e sugestões, comentávamos sobre as tais sugestões e por fim falávamos sobre uma cena por vez. Foi um projeto bastante interessante, quando terminamos de montar as cenas começamos a contracenar, como nem todos poderiam encenar na peça, o professor separou as pessoas que queriam contracenar e os que queriam ficar na decoração e filmagens. Foi muito bom durante esse período para fazer peça, acho que o mais é você atuar os personagens sem falar palavras alguma, apenas gesticular para mostrar ao público o trabalho que fizemos. Foi uma experiência muito legal.”

F.:

“Eu fiz primeiro um desenho do jeito que eu queria que fosse a grade aí depois eu abri a bolsa e retirei as folhas de lá e comecei a enrolar diversas folhas "de papel madeira" montei ela no chão, mas não ficou do meu agrado foi aí que eu pensei em fazer uma grade que ficasse do meu agrado então pensei: eu poderia fazer uma de madeira, mas tem que ser uma madeira roliça então eu peguei minha mochila coloquei um facão dentro e subi na minha bike e fui à procura de alguma árvore que tivesse os galhos retos e finos. Depois de uma grande jornada, encontrei o que procurava. Parei a bike tirei o facão da mochila e comecei a cortar os galhos da minha preferência retirei 10 galhos e lá mesmo às 14:30 o Sol quente rachando lembrei que havia esquecido da trena pensei em voltar, mas desisti. Então eu falei comigo mesmo se eu tenho 1 metrô e 75 e não tem ninguém da peça mais alto do que eu então vou cortar 3 com a minha altura que dá igual a 1 metro e 75 e os que vão ficar na horizontal eu posso deixar com 1 metro.”

V. G.:

“Em nosso primeiro dia no grupo teatral com supervisão do professor de português Tales, fizemos um debate para escolher o conto que iríamos encenar. Após esse debate escolhemos o conto do Gato Preto de Edgar Allan Poe.

2º dia: Nos reunimos em uma sala no último horário começamos a fazer uma leitura bem atenciosa do conto.

3º dia: Novamente nos juntamos para terminar a leitura do conto, O Gato Preto.

4º dia: Separamos os papéis de cada um e o que cada um deveria fazer. Eu fiquei com a parte de gravar e editar o vídeo e fazer facas e um machado.

5º dia: Logo no primeiro horário de aula Tales me chamou para começar a gravar o vídeo eu e P. S. começamos a montar o cenário, tivemos um pequeno imprevisto: não tinha lugar para colocar o TNT demoramos um tempo para encontrar uma solução, mas conseguimos.

Passamos a manhã toda gravando o vídeo

P. S. fez o protagonista do conto.

Nos demoramos aproximadamente 7 minutos para cada cena ser gravada e fora o tempo de ajeitar o cenário demorou um pouco para terminamos todas as 13 cenas. Perdi o ônibus escolar, mas valeu a pena. Durante à noite comecei a editar o vídeo passei à noite em claro, mas terminei de editar o vídeo por completo.”

M. G.:

“Como eu e Y. ficamos responsáveis por fazer os dois moldes do gato e moramos afastadas, decidimos que cada uma faria um molde.

O processo de criação do molde foi bem simples. Eu desenhei o gato em uma folha de papel manteiga, depois passei o desenho para o papelão, cobri as linhas do desenho com um piloto preto pra ressaltar as formas do desenho e logo em seguida recortei o molde. Depois de recortar o molde, eu o revesti com jornal velho e cola pra ficar mais resistente.”

P. S.:

“Durante a semana fomos lendo o conto para irmos modelando a peça e cada vez que eu lia, que eu mergulhava naquele conto, que é deveras fantástico, eu me sentia inspirado e com cada vez mais vontade de dar vida a esse conto. Esse sentimento foi intensificado no momento em que o professor mandou-me uma mensagem, falando que me queria como protagonista, aceitei de bom grado. Após a finalização da leitura do conto e com as cenas já feitas, prontas

para saírem do papel enorme era minha ansiedade ao chegar o dia de fazermos a interpretação. Nós optamos por gravar a encenação, após a montagem da lona o que foi um pequeno desafio no início, mas conseguimos finalizar e colocamos as luzes para finalmente começarmos as encenações.

Uma por uma as cenas foram criando vida, e cada uma das com uma narrativa esplêndida do professor que arrepiava até a alma. E finalmente o trabalho foi finalizado, mostrando um trabalho de equipe incrível todos que participaram fizeram um excelente trabalho.”

R.:

“Foi uma experiência incrível participar com os meus colegas encenando o conto “O Gato Preto”, do escritor Edgar Allan Poe, foi uma mistura de sentimentos, houve momentos ruins, estressantes e engraçados, e isso tudo foi muito divertido.

No primeiro dia, nem todo mundo conhecia a história, então, o professor, que estava mais familiarizado, começou a organizar tudo e dar algumas ideias para começarmos os preparativos.

No segundo dia, eu peguei o livro na biblioteca e fui tirar as cópias para todos nós estudarmos a história.

No terceiro dia todos nós já havíamos lido a história e começamos a dar ideias e organizar as cenas.”

S.:

“E vamos para o dia da gravação e esse dia foi o dia mais importante de todos porque gravamos a peça da primeira até a última cena sem pausa e as gravações ficaram ótimas, mas tive o que toda peça tem. Tive uns vacilos sim, mas foi pouco e a gente passou toda a manhã na sala de informática produzindo a peça e então terminamos e quem ficou com a parte da edição foi V. G. e ficou ótima na primeira impressão.

No dia da apresentação foi fantástico todos ficaram felizes ao ver nossa peça e ficaram me dando parabéns e pra mim o mais importante nessa peça foi saber que o meu esforço foi por todo mundo parabenizando a gente e principalmente o professor agradecendo pelo esforço que fizemos.

Eu gostei muito da experiência da peça porque conheci mais amigos fiquei mais feliz depois da peça e várias outras vantagens gostei muito.”

Y.

“O sexto dia foi para gravar a peça, montamos tudo, fizemos os cenários e V. G. gravou e editou tudo. S., fazendo o papel do Edgar Allan Poe, fez a primeira cena. A peça ficou muito boa, e foi legal de se fazer, organizar, ler e entender o conto.”

Por meio dos relatos obtidos e também da vivência durante esses dias, podemos constatar que esse projeto de leitura e dramatização do conto tomado como objeto de estudo ofereceu aos estudantes a oportunidade de conhecer e desfrutar o prazer pela leitura assim como pelo teatro.

Inicialmente, muitos alunos não viram a ideia como algo tão agradável, porém após a finalização de todas as etapas, os próprios sugeriram a criação de um grupo teatral na escola. Dessa forma, para os anos vindouros, muitas histórias serão lidas e encenadas pelos discentes do Élia de Barros.

Nesse projeto de intervenção, tomamos o momento de avaliação como ponto de reflexão em busca do ensino e da aprendizagem sem a simples intenção de apontar o “certo” ou o “errado”. Procuramos observar as impressões subjetivas do aluno enquanto sujeito crítico capaz de entender e pensar sobre aquilo de que faz parte.

Para Irlandé Antunes (2003, p.165) sobre a avaliação de estudantes:

A avaliação, como tudo o mais, é antes de tudo uma questão de concepção e não uma questão de técnica. Daí a conveniência de o professor pensar, observar, descobrir, em cada momento, a maneira mais adequada de contribuir para que seu aluno cresça na aquisição de sua competência comunicativa; de, sobretudo, estimular, encorajar, deixar os alunos com uma vontade grande de aprender, sentindo-se para isso perfeitamente capacitado e, por isso, inteiramente gratificado.

A concepção avaliativa utilizada por nós nesse trabalho enxerga que o aprender não pode ser visto como algo que gere insatisfação, todavia é bom salientar que não pretendemos deixar a produção do aluno de qualquer jeito, sem uma orientação daquilo que poderia ser aperfeiçoado. O importante é saber como conduzir a aprendizagem sem que o discente se sinta desestimulado com a forma que leu ou que produziu um texto ou como atuou na encenação da peça. Aproveitar o que ele iniciou e nortear sua caminhada é papel do professor.

Durante o processo de leitura e dramatização, notou-se que os estudantes melhoraram de forma significativa no que concerne à expressão corporal e vocal. Percebeu-se também que a forma de leitura em voz alta feita por mim e por eles ajudou a compreender os significados do conto estudado.

Para Oliveira (2010, p. 285):

A leitura em voz alta é uma maneira de incorporar a experiência da leitura literária, de oportunizar um contato efetivo com as obras, ou seja, trata-se de uma experimentação no próprio corpo, mais especificamente, na voz, da palavra do outro, escrita e inscrita na obra. Quando a voz do leitor reverbera o texto, ele adensa aquelas palavras antes presas ao papel ou à tela ou a outro suporte), tornando-as vibração. Elas ganham então uma nova circulação sanguínea e espacial, penetram no leitor, deixando rastros; e o leitor, por sua vez, ao ressoá-las confere às palavras novas colorações.

Vale destacar que nos preocupamos em distinguir a oralização da vocalização nesse trabalho. À medida em que a leitura era feita havia sempre um processo de construções de sentidos, de indagações que refletiam sobre o nosso objeto de estudo. De acordo com Oliveira (2010) a oralização é aquela em que se quer avaliar apenas se o aluno sabe decodificar o texto, o que não era simplesmente nossa intenção aqui.

Portanto, com o desenvolvimento desse projeto, constatamos que o ritmo de leitura, a imposição da voz e do corpo, além de outros aspectos importantes como interpretar, compreender o conteúdo e as intenções do autor foram alcançadas com satisfação. Pretendemos ainda expandir esse projeto não apenas para uma turma na Escola Estadual Élia de Barros, mas que possa atender a todos os alunos, seja do ensino fundamental, seja do ensino médio.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como intuito demonstrar o quão necessária é a presença da literatura na escola, além de também sugerir, descrever e pôr em prática um projeto de intervenção na turma do 9º ano A da Escola Estadual Élia de Barros. Dessa maneira, pretendemos contribuir como um modelo a ser observado no tocante ao progresso das atividades pedagógicas no campo do texto literário.

Devido aos argumentos mencionados pelos colegas de profissão acerca da grande deficiência com a leitura, escrita e interpretação de textos, tornou-se imprescindível o trabalho com o projeto de literatura. Logo, percebemos que seria fundamental levar a leitura do texto literário para o ambiente escolar de forma contínua e duradoura. Essa atividade teve como objetivo essencial o despertar e a formação do leitor crítico capaz de avaliar aquilo que lê. (cf. KLEIMANN, 2007)

Estimulamos o hábito da leitura pelo bem-estar do aluno utilizando o teatro como forma de instigar essa prática fundamental ao ser humano. Para Candido (1999, p. 84):

Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, enfrentando ainda assim os mais curiosos paradoxos, - pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente o que as convenções desejariam banir.

A literatura é algo que deve ser visto como algo básico ao aluno, pois cumpre papel importante na formação intelectual e social dos indivíduos. Diante dessa realidade, é preciso que o ambiente seja lugar propício a fim de adotar o texto literário para a formação de leitores proficientes.

A dramatização do conto “O Gato Preto” foi precursor para que os estudantes pudessem iniciar suas vidas como leitores assíduos a fim de que se tornem críticos e possam construir sentidos quando se depararem com outras obras literárias.

Para nossa proposta, tomamos como auxílio a sequência didática sugerida por Rildo Cosson (2016) observando o que acontecia em cada uma das quatro etapas realizadas.

Nas primeiras etapas da sequência didática, ao demonstrar um vídeo encenado por alunos de outra escola, os estudantes do Élia de Barros demonstraram interesse pela proposta de leitura que ali se iniciava. Ademais foi falado também um pouco sobre o escritor Edgar Allan Poe. Nesses pontos da sequência, foi fundamental conhecer a obra por uma ótica diferente antes das demais etapas. Percebeu-se que a curiosidade tomou conta dos discentes a fim de saber

como realmente interpretariam aquela história, deixando-os ansiosos pelo que ainda estava por vir.

Na terceira etapa, identificamos certas dificuldades como ritmo de leitura e compreensão quanto ao texto, todavia esses obstáculos foram sanados à medida em que as intervenções eram feitas tanto por mim, enquanto professor, quanto pelos alunos mais familiarizados com a atividade leitora. Notamos que a maior parte da turma passou a entender aquilo que liam, além de lançarem seus julgamentos e comparações sobre a obra com outras leituras já vividas.

Na quarta e última etapa, realizamos a interpretação por meio de uma dramatização do conto objeto de estudo. Constatamos que os alunos, nesse momento, já emitiam ideias relacionadas à encenação com base na compreensão obtida por meio da leitura, chegando até mesmo a recriar determinadas partes da obra sob a visão deles. Podemos afirmar que foi um ato de deleite, uma vez que todos os alunos de alguma forma quiseram participar da produção da peça teatral. O projeto foi tão proveitoso que decidimos criar um grupo de teatro para a escola a fim de encenar novas peças e dessa forma tornar a vida desses alunos mais repleta de literatura e arte.

O mestrado profissional em Letras (ProfLetras) foi de suma importância para aperfeiçoar meu conhecimento enquanto professor. Os ensinamentos que obtive durante o curso ajudaram a melhorar minha metodologia. As discussões e estudos nos quais me envolvi realmente possuíam o caráter efetivo de como lidar com o ensino de Língua Portuguesa para os alunos do ensino fundamental anos finais. Foi possível perceber que a teoria se aliava à prática vivenciada em sala de aula.

Consideramos que a competência enquanto leitores dos alunos comprometidos com este projeto foi expandida, já que foram expostos a um conto que exigiu não somente a leitura, mas a compreensão e o como fazer aquele texto ter vida por meio do teatro. Ler e encenar essa história foi uma prática incrível para os envolvidos. Esta transformação concreta e simbólica do ambiente escolar gerou uma experiência de prazer inesquecível com o texto objeto de estudo.

Nosso trabalho tinha por meta demonstrar uma opção pedagógica cativante que possibilitasse ir de encontro ao ensino ortodoxo de leitura, com pretensão de encolher ou extinguir os números desagradáveis quanto aos alunos que não gostam ou não praticam o ato de ler. Vale ressaltar que nosso projeto ancorou-se na percepção de que ensinar leitura vai além do mero decifrar o código da língua, ideia defendida por Cosson (2016), Zunthor (2007), Oliveira (2010), Elder Pinheiro (2006). As atividades desenvolvidas comprovam que é viável

unir a literatura ao teatro como maneira de habilitar e estimular o estudante a compreender e interpretar textos.

Outro ponto importante dessa jornada foi o impacto positivo na interação professor e aluno. Acabamos nos envolvendo muito na produção desse projeto de intervenção, partilhamos ideias e conversamos mais do que o de costume ao contrário do que acontecia nas aulas tradicionais em que praticamente não havia diálogo em sala podendo dessa forma ocasionar na falta de estímulo por parte do discente.

Para Irandé Antunes (2003, p. 20):

Persiste o quadro nada animador (e quase desesperador) do insucesso escolar, que se manifesta de diversas maneiras. Logo de saída, manifesta-se na súbita descoberta, por parte do aluno, de que ele “não sabe português”, de que “o português é uma língua muito difícil”. Posteriormente, manifesta-se na confessada (ou velada) aversão às aulas de português e, para alguns alunos, na dolorosa experiência da repetência e da evasão escolar.

Com enormes dificuldades de leitura o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter a voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece em sua volta.

A interação entre professores e alunos às vezes não acontece visto que nem sempre utilizamos formas apropriadas para atingir nosso objetivo, em contraste, os discentes, muitas vezes, abandonam a escola ou agem com indisciplina tornando a sala de aula um lugar desagradável.

Para que esse fato possa ser invertido, o teatro nas atividades de leitura pode contribuir, sabendo que o docente tem a função de mediador, supervisor e apoiador. Dessa forma, acreditamos que o aluno se sentirá sujeito participante ao se sentir parte integrante do processo de leitura, lendo, usando a voz e o corpo nesse ato.

Para Zhumthor (2007, p.27) acerca das percepções sensoriais e os estudos literários:

Tratando-se da presença corporal do leitor de “literatura”, interrogo-me sobre o funcionamento, as modalidades e o efeito (em nível individual) das transmissões orais da poesia. Considero com efeito a voz, não somente nela mesma, mas (ainda mais) em sua qualidade de emanação do corpo e que, sonoramente, o representa de forma plena.

O corpo, nesse viés, passa a ter novo significado além da estrutura anatômica, quando se envolve com o texto literário, pois exterioriza as emoções decorrentes da leitura vivenciada.

Portanto, foi possível constatar que este projeto de intervenção mudou nosso comportamento educacional, uma vez que proporcionou expandir nossa compreensão quanto ao poder da literatura, do teatro, da voz e do corpo. Esperamos, com esta dissertação, auxiliar outros professores e assim compreendermos como nossa proposta pode ser eficaz em contextos diversificados.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 8ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 10. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2002.
- BEUTTNMÜLLER, Maria da Glória; NELLY, Laport. **Expressão vocal e expressão corporal**. Rio de Janeiro: Forense, 1974.
- BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula**. São Paulo: Global, 2009.
- BRASIL (1997) **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. Remate de Males – IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, p. 81- 89, 1999.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo:Global, 2007.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COMPAGNON, Antonine. O leitor. In: _____. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo fontes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 137-161.
- CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino? In: **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set/dez. 2015. <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3735/3153>> Acesso em: mar-2017.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, Rildo. A formação do professor de literatura – uma reflexão interessada. In: literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa. Campinas, SP: Mercado das letras, Dourados, MS: Editora da Universidade Federal de Dourados, 2013.

EAGLETON, Terry. Fenomenologia, hermenêutica, teoria da recepção. In: _____. **Teria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 75-124.

FIGUEIREDO, Fernanda de Sousa. **Teatro de sombras: o percurso dos grupos brasileiros – Karagöz K e Lumbra**. Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC- Centro de Artes – CEART- Departamento de Artes Cênicas – DAC. Florianópolis, 2008.

FIORIN, Luiz Antônio. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOUVEIA, Ricardo. **O gato preto e outras histórias**. Edgar Allan Poe, tradução e adaptação de Ricardo Gouveia; ilustração de Lelis. – São Paulo: Scipione, 2007.

GUINSBURG, J (org.). **Semiologia do teatro**. São Paulo: Perspectiva: 2006.
<http://portal.inep.gov.br/web/guest/pisa>

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Pensador**. C2005. Disponível em: <https://www.pensador.com/frases/NJQ1MW/>. Acesso em: 26 de abr de 2019.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (org.) **A Literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**, uma teoria do efeito estético. vol. 1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (org.) **A Literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (org.) **A Literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAN, Angela B. **Formando leitores críticos**. In: Ensaio sobre leitura 2. Hugo Mari, Ivete Walty, Maria N. S. Fonseca (Orgs.). Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. 1ª ed. Lisboa: Estampa, 1978.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OIDA, Yoshi. **O ator invisível**. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Beca, 2001.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. **Leitura, voz e performance no ensino da literatura**. Goiânia: Signótica, 2010.

PHILIPPOV, Renata. **Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: trajetórias e maturidade estética e poética**. Tese (doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2004.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 2.ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

PINHEIRO, Hélder. Teoria da literatura, crítica literária e ensino. In: PINHEIRO, Hélder; NÓBREGA, Marta (Orgs.). **Literatura: da crítica à sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2006.

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. Trad. Léa Viveiros de Castro. 1.ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. Trad. José Paulo Paes. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

REIS, Carlos; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria narrativa**. S. Paulo: Ática, 1988.

ROSENFELD, Anatol. **Teatro épico**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia;

REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. 2ª ed. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibplex, 2010.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) estudante, a escola necessita colher informações sobre os hábitos de leitura de seus alunos para traçar estratégias para o funcionamento da biblioteca escolar e a realização de projetos de leitura, por isso solicita a sua

1- Idade:

- Até 10 anos de 11 a 12 anos de 13 a 14 anos
 de 15 a 16 anos de 17 a 18 anos acima de 18 anos

2- Gênero:

- Masculino Feminino Outro
 : _____

3- Turma:

- 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano
 1ª série 2ª série 3ª série

4- Exceto os livros didáticos, você já leu algum livro?

- Sim Não

5- Se sim, quantos?

- 1 2 3
 4 acima de 4

6- Se sim, você já leu algum livro neste ano?

- Sim Não

Qual? _____

7- Em sua casa, você já viu algum membro da família ler um livro?

- Sim Não

- 8- Em sua casa, alguém da família já recomendou ou deu algum livro para você ler?
 Sim Não
- 9- Algum amigo já recomendou a leitura de um livro específico para você?
 Sim Não
Qual? _____
- 10- Você tem preferência por algum autor de livro?
 Sim Não
Qual? _____
- 11- Marque a(s) opção(ões) de gênero que você gosta de ler:
 Não leio Conto Terror
 Romance Poesia Teatro
 Ficção científica Fábula Crônicas
 Suspense Outro: _____
- 12- Algum professor já solicitou a leitura de algum livro como atividade escolar?
 Sim Não
- 13- Você já realizou pesquisa para trabalhos escolares na biblioteca da escola?
 Sim Não
- 14- Algum professor já levou a turma à biblioteca para realizar alguma atividade?
 Sim Não
- 15- Se sim, você gostou desse tipo de atividade na biblioteca?
 Sim Não
- 16- Você já pegou algum livro emprestado na biblioteca da escola?
 Sim Não
- 17- Você acha que a biblioteca da escola tem material suficiente para atender aos alunos?
 Sim Não Não sei opinar
- 18- Você acha que a biblioteca da escola oferece variedade de livros?
 Sim Não Não sei opinar
- 19- Quanto ao espaço físico da biblioteca, como você o avalia?
 Agradável Desagradável Não sei opinar
- 20- Se você fosse dar um conceito para a biblioteca, qual seria?
 Ótimo Bom Regular
 Ruim Péssimo Não sei opinar
- 21- Deixe aqui sua crítica ou sugestão para o funcionamento da biblioteca.

ANEXO B – RELATÓRIO DOS ALUNOS

M.

Primeira reunião:

Em nossa primeira reunião, nós iniciamos a discussão sobre a peça que iríamos encenar no primeiro “Fest literário”. Essa reunião ocorreu mais ou menos uma semana antes do dia do Fest e começamos a reunião decidindo qual seria a peça, entre as peças: “A cabeça” e “O Gato Preto” acabamos decidindo encenar “O Gato Preto”.

Logo após ser decidida qual peça seria encenada nós nos deparamos com uma dúvida: “qual a melhor maneira de encenar essa peça? Já que essa era uma peça que possuía algumas cenas difíceis de serem encenadas em um teatro!”.

Então um tempo depois me ocorreu a ideia de fazermos um teatro de sombras. Eu tive essa ideia após lembrar de uma aula do curso de teatro que participei ano passado (2017). A ideia de um teatro de sombras agradou a todos, então ficou decidido que iríamos fazer mesmo o teatro de sombras.

Segunda reunião:

Nesta reunião ocorreu o início da leitura do conto. A aluna e participante do grupo de teatro R. tinha feito, com o auxílio do funcionário da escola cópias do livro de Allan Poe “O Gato Preto”. E ao início da nossa segunda reunião, foi distribuída uma cópia para cada aluno presente e uma para o professor e idealizador do projeto, Tales. Então, a aluna E. iniciou a leitura do conto e todo o grupo discutiu e deu ideias de como a página que ela havia acabado de ler seria melhor interpretada, após a leitura de duas páginas (a segunda página foi lida pela aluna D.) nós ficamos com um dever de casa: ler todo o conto e coletar ideias para a encenação da peça.

Terceira reunião:

Em nosso terceiro encontro, nós continuamos a leitura até percebermos que não teria como apresentarmos a peça no pátio da escola já que no local era muito claro e para o tipo de peça que nós iríamos fazer era necessário um ambiente bem escuro. Então o grupo decidiu que a peça seria gravada e não encenada ao vivo.

Quarta reunião:

Infelizmente nesta reunião eu e mais quatro alunas não estávamos presentes. O motivo foi: nós estávamos no ensaio de dança de abertura do Fest em conjunto com outros alunos do 9 A e a prof. L. de língua inglesa.

Quinta reunião:

Nessa reunião nós utilizamos do tempo apenas para decidir quem iria atuar, organizar e fornecer material para a produção. E nessa reunião eu também dei a ideia de usarmos um molde de papel para fazer o gato na peça.

Dia da gravação:

Como eu iria ficar somente na decoração eu permaneci na sala apenas nos dois primeiros horários. Efetuei a montagem da árvore utilizada na peça. Como houve a falta de galhos, eu e mais duas alunas tivemos que pedir para o aluno F. para nos ajudar a conseguir mais galhos para a árvore da peça. Alguns minutos depois fui liberada. E no final tivemos um ótimo resultado.

D.

No dia em que o professor Tales chegou com uma proposta de fazer a peça de O GATO PRETO de Edgar Allan Poe, a maioria do pessoal da sala não queria, mas eu fui uma das pessoas que queriam. Começamos a discutir sobre ela em sala. O nosso professor pediu para que nós imprimíssemos o livro. A história do conto falava sobre um gato que era muito amado por seu dono, a história é um conto de terror. No decorrer da história mostra que o dono do gato sofria vários problemas, que tinha se tornado um alcoólatra e no decorrer do conto ele muda de humor, sentimentos que tinha com o gato, tornou-se uma pessoa mais agressiva e sem paciência.

Fizemos várias leituras em sala com os meus colegas e o professor Tales, durante esses dias de leitura em grupo, servia de muita aprendizagem, trocávamos ideias e um ajudava o outro

a compreender mais o conto, principalmente o nosso professor Tales. Fazíamos uma roda e nessa roda cada um de nós lia uma parte do livro em que o professor mandara. A nossa peça foi produzida por nossas ideias e sugestões, uma das ideias que uma de nossas colegas tinha nos dado era de fazer um teatro de sombras e a ideia foi genial porque nós iríamos apresentar essa tão esperada peça no dia da festa do Halloween da escola e nós iríamos apresentar no pátio da escola, mas, tinha muita claridade e não daria para fazer o teatro de sombras por lá, então daí surgiu a ideia de fazer a peça em teatro de sombras em vídeo.

Começamos a montar as cenas com nossas ideias e sugestões, comentávamos sobre as tais sugestões e por fim falávamos sobre uma cena por vez. Foi um projeto bastante interessante, quando terminamos de montar as cenas começamos a contracenar, como nem todos poderiam encenar na peça, o professor separou as pessoas que queriam contracenar e os que queriam ficar na decoração e filmagens. Foi muito bom durante esse período para fazer peça, acho que o mais é você atuar os personagens sem falar palavras alguma, apenas gesticular para mostrar ao público o trabalho que fizemos. Foi uma experiência muito legal.

F.

Vou começar falando sobre como eu consegui a grade. Eu tentei fazer como as meninas disseram com papel, aí eu procurei no meu quarto e quase não achei. Peguei a bolsa de papel madeira e um caderno e fui para a garagem da minha residência e lá fiz primeiro um desenho do jeito que eu queria que fosse a grade aí depois eu abri a bolsa e retirei as folhas de lá e comecei a enrolar diversas folhas "de papel madeira" montei ela no chão, mas não ficou do meu agrado foi aí que eu pensei em fazer uma grade que ficasse do meu agrado então pensei: eu poderia fazer uma de madeira, mas tem que ser uma madeira roliça então eu peguei minha mochila coloquei um facão dentro e subi na minha bike e fui à procura de alguma árvore que tivesse os galhos retos e finos. Depois de uma grade jornada, encontrei o que procurava. Parei a bike tirei o facão da mochila e comecei a cortar os galhos da minha preferência retirei 10 galhos e lá mesmo às 14:30 o Sol quente rachando lembrei que havia esquecido da trena pensei em voltar, mas desisti. Então eu falei comigo mesmo se eu tenho 1 metrô e 75 e não tem ninguém da peça mais alto do que eu então vou cortar 3 com a minha altura que dá igual a 1 metro e 75 e os que vão ficar na horizontal eu posso deixar com 1 metro. Vai ficar com 1 metro e para medir um metro, eu coloquei o galho na vertical e cortei na altura do meu umbigo e cortei

os 7 galhos que faltavam e fui com pressa para minha residência pois não aguentava mais a quentura do Sol.

Quando eu cheguei em casa descansei e depois montei a grade no chão mas percebi que se eu tivesse pegado mais 1 com um metro e setenta e cinco e tivesse pego mais 3 com um metro teria ficado mais legal mesmo assim eu guardei tudo e no dia seguinte fui pegar o que faltava e como os galhos estavam verdes eu coloquei no sol para secar mais só fiz isso 2 vezes e não deu para secar mas eu fiquei de boa.

Depois eu fui na busca de um refletor. Fui com meu pai lá no mudo e ele disse que emprestava o refletor mas não era de led e eu queria um de led. Então eu procurei saber quem tinha um de led mas não achei. Pensei em ir até lá no teatro para pedir um refletor emprestado mais achei melhor pedir para Ferreirinha arrumar um refletor emprestado para mim, mas ele não conseguiu. Eu não desisti e queria um refletor de led. Quando se aproximou do dia que era para levar os materiais, resolvi pegar o que eu tinha conseguido antes. Sobre o teatro de sombras, ficou muito legal. Ano que vem vou participar de novo. E sobre o Halloween do Élia, ficou muito legal também.

V. G.

Em nosso primeiro dia no grupo teatral com supervisão do professor de português Tales, fizemos um debate para escolher o conto que iríamos encenar. Após esse debate escolhemos o conto do Gato Preto de Edgar Allan Poe.

2º dia: Nos reunimos em uma sala no último horário começamos a fazer uma leitura bem atenciosa do conto.

3º dia: Novamente nos juntamos para terminar a leitura do conto, O Gato Preto.

4º dia: Separamos os papéis de cada um e o que cada um deveria fazer. Eu fiquei com a parte de gravar e editar o vídeo e fazer facas e um machado.

5º dia: Logo no primeiro horário de aula Tales me chamou para começar a gravar o vídeo eu e P. S. começamos a montar o cenário, tivemos um pequeno imprevisto: não tinha lugar para colocar o TNT demoramos um tempo para encontrar uma solução, mas conseguimos.

Passamos a manhã toda gravando o vídeo

P. S. fez o protagonista do conto.

Nos demoramos aproximadamente 7 minutos para cada cena ser gravada e fora o tempo de ajeitar o cenário demorou um pouco para terminamos todas as 13 cenas. Perdi o ônibus escolar, mas valeu a pena. Durante à noite comecei a editar o vídeo passei à noite em claro, mas terminei de editar o vídeo por completo.

6º dia: levei o vídeo que editei um dia antes para testar no projetor que iria usar no dia da festa de dia das bruxa da Escola Estadual Élia de Barros, mas o meu adaptador quebrou e não deu pra para vermos se estava rodando.

7º dia: passei o vídeo para o pendrive de P. S., cheguei na escola logo cedo e testei, o vídeo estava bom, no fim das contas tudo deu certo.

M. G.

Dia Um:

Durante o primeiro dia de reunião do grupo de teatro nos basicamente usamos o tempo que tínhamos para escolher a peça que iríamos apresentar no 1º Fest Literário do Élia. Nossas opções eram o conto O Gato Preto de Edgar Allan Poe e o conto A Cabeça de Luiz Vilela, após um tempo avaliando qual dos dois contos apresentaríamos optamos por ficar com o conto de Edgar Allan Poe.

Com a escolha do conto feita, passamos a discutir como faríamos a peça. Por ideia de M. decidimos fazer um teatro de sombras já que alguns detalhes da peça seria difícil de se fazer em uma apresentação de teatro física.

Dia Dois:

Assim que terminei de ensaiar a coreografia de abertura do Fest Literário com as meninas, R. entrou na sala com as folhas das cópias do conto de Poe impresso por Carlos, o coordenador da escola. Começamos eu, ela e V. G. a juntar as páginas do conto de acordo com a ordem para logo em seguida grampear as cópias com o grampeador de F.

Na hora da reunião entregamos uma cópia do conto para cada membro do grupo e uma ao professor. Depois que todos se sentaram próximos ao professor, ele pediu para uma das

alunas do grupo para começar a leitura do conto em voz alta enquanto o resto do grupo acompanhava pelas folhas de sua cópia.

Quando acabamos a leitura da primeira página do conto ele nos perguntou onde achávamos que o narrador/personagem se encontrava ao escrever a carta contando a história. A maioria das pessoas do grupo disseram que ele estava em um lugar fechado como seu quarto ou escritório na sua nova casa, já eu disse que ele poderia está embaixo da árvore na qual matou o gato enforcado, mas no final por uma observação do professor percebemos que na verdade ele se encontrava preso pelo assassinato de sua esposa.

Dia Três:

Fomos para sala do 9º ano B, no quarto e quinto horário para continuar fazendo a leitura e análise do conto. Mais uma vez o professor pediu a uma aluna para ler o conto de onde havíamos parado.

No processo de leitura do conto paramos para prestar atenção em alguns detalhes como: o fato do gato encontrado pelo narrador/personagem em um bar ter em volta de seu pescoço uma mancha de pelos brancos exatamente onde ficou a corda do enforcamento do antigo gato; o nome do antigo gato ser Plutão que por acaso, ou não, é o nome do Deus do Submundo da mitologia romana que faz referência ao Deus da mitologia grega Hades, entre outros detalhes...

Dia Quatro:

Nesse dia eu não pude ir a reunião, mas pelo o que me falaram, os outros alunos junto com o professor terminaram a leitura e análise do conto. Fizeram a escolha das cenas que fariam parte da peça e também decidiram que seria melhor fazer uma gravação da peça do que uma apresentação ao vivo

Dia Cinco:

A reunião desse dia aconteceu na sala do 9º ano A e ficamos como os dois últimos horários como de costume. Fizemos a organização da peça e de como seria o processo de gravação. O professor fez a lista de tudo que seria preciso para a peça e dividiu entre os alunos para que cada um trouxesse o que pudesse. Eu e Y. ficamos responsáveis de fazer os dois moldes do gato; F. pelos refletores para fazer as sombras; P. S. pelas armas necessárias para prisão e execução do narrador/personagem e etc.

Dia de fazer o molde:

Como eu e Y. ficamos responsáveis por fazer os dois moldes do gato e moramos afastadas, decidimos que cada uma faria um molde.

O processo de criação do molde foi bem simples. Eu desenhei o gato em uma folha de papel manteiga, depois passei o desenho para o papelão, cobri as linhas do desenho com um piloto preto pra ressaltar as formas do desenho e logo em seguida recortei o molde. Depois de recortar o molde, eu o revesti com jornal velho e cola pra ficar mais resistente.

Dia da Gravação:

Durante a maior parte do processo de gravação da peça eu não estive presente pois o professor achou melhor chamar os alunos pela ordem de participação e eu só participaria na última cena.

Gravamos a última cena da peça no último horário de aula. A cena da execução se resume ao narrador/personagem ajoelhado de costas para o carrasco que lhe aponta o cano de uma espingarda na cabeça e logo em seguida dá um tiro pondo um fim a execução e a peça.

P. S.

No momento em que eu me encontrava em uma sala com um pequeno grupo de alunos, juntamente do professor a que inseria em nós a responsabilidade de fazermos uma peça teatral, e no momento em que começamos a debater sobre o conto que iríamos interpretar, ótimas dicas e ideias foram lançadas, mas a que nos cativou foi a ideia de fazer um teatro de sombras, ideia essa que foi dada pela aluna M., então foi decidido que faríamos assim.

Durante a semana fomos lendo o conto para irmos modelando a peça e cada vez que eu lia, que eu mergulhava naquele conto, que é deveras fantástico, eu me sentia inspirado e com cada vez mais vontade de dar vida a esse conto. Esse sentimento foi intensificado no momento em que o professor mandou-me uma mensagem, falando que me queria como protagonista, aceitei de bom grado. Após a finalização da leitura do conto e com as cenas já feitas, prontas para saírem do papel enorme era minha ansiedade ao chegar o dia de fazermos a interpretação. Nós optamos por gravar a encenação, após a montagem da lona o que foi um pequeno desafio no início, mas conseguimos finalizar e colocamos as luzes para finalmente começarmos as encenações.

Uma por uma as cenas foram criando vida, e cada uma das com uma narrativa esplêndida do professor que arrepiava até a alma. E finalmente o trabalho foi finalizado, mostrando um trabalho de equipe incrível todos que participaram fizeram um excelente trabalho.

Felicidade era o que havia em meus olhos ao ver o trabalho feito, a sensação de trabalho cumprido percorria em minha mente. Durante as encenações eu podia sentir a fúria e o temor que aplacava no conto, a cada momento eu me entregava mais e mais vendo que o trabalho percorria com destreza. Felicidade e alegria veio a mim ao mostrar a peça ao público e ao ouvir os aplausos e elogios de quem havia visto.

Sugeri ao professor que podíamos fazer um grupo de teatro na escola. Entusiasmado, espero que minha ideia possa ser concretizada.

R.

Foi uma experiência incrível participar com os meus colegas encenando o conto “O Gato Preto”, do escritor Edgar Allan Poe, foi uma mistura de sentimentos, houve momentos ruins, estressantes e engraçados, e isso tudo foi muito divertido.

No primeiro dia, nem todo mundo conhecia a história, então, o professor, que estava mais familiarizado, começou a organizar tudo e dar algumas ideias para começarmos os preparativos.

No segundo dia, eu peguei o livro na biblioteca e fui tirar as cópias para todos nós estudarmos a história.

No terceiro dia todos nós já havíamos lido a história e começamos a dar ideias e organizar as cenas.

No quarto dia começamos a organizar e escolher os objetos que iriam fazer parte do cenário e finalizamos a organização do teatro de sombras escolhendo os papéis que cada um faria. Ficou assim: S. foi Edgar Allan Poe na primeira cena; P.S. fez o papel do protagonista (assassino), L. fez o papel da vítima (esposa do assassino); eu e D. fizemos as policiais que prenderam o protagonista; M. G. fez o papel do carrasco (que mataria o protagonista no final); F. ficou responsável pela iluminação do cenário; V. G. filmou e editou o vídeo, M organizou o

cenário, Y. confeccionou o gato; o professor foi o narrador da história, os demais alunos ajudaram com objetos e outras coisas para a peça.

E por fim, o quinto dia, foi o mais complicado, pois nós filmamos todas as cenas da peça e finalizamos esse trabalho. Foi bem legal participar dessa apresentação teatral.

Na encenação que fizemos acrescentamos algumas cenas: que é a primeira cena em que Edgar Allan Poe descreve como foi escrever este conto que envolve suspense, terror e um pouco de romance e a última que é a cena do carrasco.

S.

No primeiro dia eu tive uma ótima impressão dos alunos que iam fazer a peça comigo. No primeiro dia o professor pediu para a gente pesquisar sobre a peça O Gato Preto de Edgar Allan Poe e dar nossas opiniões para saber um pouco mais da história e então o primeiro dia acaba.

No segundo dia depois de todos terem pesquisado sobre o conto, todos já estavam mais cientes de como fazer a peça e deram a ideia de fazer teatro de sombras porque se a gente fosse fazer a peça normal ia dar muito trabalho porque tinha que arrumar as coisas da cor certa, teria que arrumar um gato preto e várias outras coisas e então decidimos que a peça ia ser teatro de sombras.

No terceiro dia de reunião, quando entramos na sala Tales deu a cópia da história completa do Conto O Gato Preto de Edgar Allan Poe e então ele pediu que a gente fosse ler e quando a gente terminasse de ler até a página que ele pediu a gente começou a dar mais ideias e então pensamos na ideia de gravar porque se fosse fazer a peça sem ser gravada não daria porque tinha vários e vários cenários e então decidimos que iríamos gravar.

No quarto dia da reunião foi um dia importantíssimo não dizendo que os outros dias não fossem importantes, mas esse influenciou muito na peça que foi o dia que o professor Tales falou sobre as personagens e o papel que cada um escolheria dentro do elenco da peça e não foram só os papéis que o professor falou nesse dia também falou o que cada um de nós era para levar no dia de gravar e isso influenciou muito porque todas as coisas que levamos ajudou muito como: minha bengala na hora da batida lembrando que quase levei uma surra da minha vó porque peguei o cabo da pazinha dela.

E vamos para o dia da gravação e esse dia foi o dia mais importante de todos porque gravamos a peça da primeira até a última cena sem pausa e as gravações ficaram ótimas, mas teve o que toda peça tem. Teve uns vacilos sim, mas foi pouco e a gente passou toda a manhã na sala de informática produzindo a peça e então terminamos e quem ficou com a parte da edição foi V. G. e ficou ótima na primeira impressão.

No dia da apresentação foi fantástico todos ficaram felizes ao ver nossa peça e ficaram me dando parabéns e pra mim o mais importante nessa peça foi saber que o meu esforço foi por todo mundo parabenizando a gente e principalmente o professor agradecendo pelo esforço que fizemos.

Eu gostei muito da experiência da peça porque conheci mais amigos fiquei mais feliz depois da peça e várias outras vantagens gostei muito.

Y.

Dia 1: No primeiro dia nós nos reunimos numa sala de aula para escolher qual seria o conto que iríamos ler. Optamos por O Gato Preto de Edgar Allan Poe. Escolhemos também que faríamos um teatro de sombras.

Dia 2: No segundo dia tiraram cópias do conto e repassaram, fizemos a leitura e discutimos sobre ela, decidimos como seriam algumas cenas e observamos fatos como: o homem estaria escrevendo a história na prisão, e que o gato que ele encontra em cima de um barril tem uma mancha branca no pescoço descendo para a barriga, como se tivesse sido enforcado, como ele fez com Plutão, ele era muito parecido com seu antigo gato.

Dia 3: No terceiro dia continuamos a leitura do conto, discutimos sobre mais coisas, decidimos mais algumas cenas, anotamos na lista os papéis e quem ficou com eles: →P. S. seria o homem

→L. a mulher

→M.G. o carrasco

→D. e E. as policcias

→ S. o Edgar Allan Poe

Dia 4: Não fui à escola nesse dia.

Dia 5: Decidimos o que traríamos para a decoração como: lençol, TNT, refletores, cachimbo, bengala e etc. Esse seria o último dia para organizarmos tudo pois foi o último dia de aula na semana.

Dia 6: O sexto dia foi para gravar a peça, montamos tudo, fizemos os cenários e V. G. gravou e editou tudo. S., fazendo o papel do Edgar Allan Poe, fez a primeira cena. A peça ficou muito boa, e foi legal de se fazer, organizar, ler e entender o conto.

ANEXO C – ROTEIRO DA ENCENAÇÃO

CENA 1

O texto inicial criado e dramatizado pelo aluno S. em forma de monólogo ficou da seguinte forma:

- Mau dia!
- Mau dia, alunos do Élia de Barros!
- Meu nome é Edgar Alan Poe.
- Nasci no ano de 1809 e faleci apenas 40 anos depois, vítima de uma tuberculose.
- Durante minha vida nada feliz, escrevi vários contos macabros e hoje, na véspera de finados, trago a minha alma perdida para lhes contar uma história de terror que assusta até mesmo os mais terríveis assassinos da humanidade.

CENA 2

- Vou morrer amanhã. Mas hoje quero lhes contar a história do meu crime. Louco seria eu, se esperasse tal coisa. Principalmente em se tratando de um caso que meus próprios sentidos se negam a aceitar.

CENA 3

- Eu era um homem dócil. Amava os animais e casei com uma linda mulher que também possuía os mesmos sentimentos que eu. Tínhamos vários animais, mas amávamos em especial um gato grande e bonito, todo preto. Plutão era seu nome.

CENA 4

- Eu era acometido de uma grave doença: o alcoolismo. Não conseguia passar um dia sequer sem tomar uma garrafa de conhaque e em razão disso, meu temperamento mudava constantemente. É como se um demônio tomasse conta de minha alma.

CENA 5

- Uma noite, ao voltar para casa muito embriagado, cismeique o gato me evitava. Eu então o agarrei, puxei uma faca de minha cintura e arranquei um olho de sua órbita. Não satisfeito ainda com o que acabara de fazer, levei o gato para o quintal de minha casa e o enforquei numa árvore.

CENA 6

Em mais uma noite de bebedeira, vi ao fundo uma criatura preta. Aproximei-me e toquei-a com a mão. Era um gato tão grande quanto Plutão e muito parecido com ele, inclusive faltava um olho de suas órbitas. A única diferença era uma mancha branca ao redor do pescoço dele. Na intenção de reaver o erro que havia cometido contra meu velho animal, resolvi levá-lo para casa.

CENA 7

Ao chegar a minha casa, minha esposa me alertara de que aquele gato era Plutão reencarnado, pois a única coisa que os diferenciava era a marca ao redor do pescoço como se simulasse uma forca.

Naquele momento, uma força incontrolável tomou conta do meu espírito e então ergui o machado e enterrei nos miolos dela.

CENA 8

Consumado o hediondo assassinato, tomei-me a tarefa de ocultar o corpo. Sabia que não podia removê-lo da casa, porque os vizinhos poderiam perceber. Assim resolvi construir um muro com um forte reboco e esconder o cadáver nele.

CENA 9

No quarto dia após o assassinato, um grupo de policiais chegou a minha casa, pois havia uma denúncia do desaparecimento de minha esposa. Acho que os vizinhos ouviram alguma coisa. Fiquei tranquilo com aquela situação, porém o maldito gato, que sumira desde a morte dela, começou a gritar incessantemente, parecia um barulho vindo do inferno como a agonia dos demônios em sua danação. E dessa forma aquele animal com voz delatora me entregou ao carrasco.

CENA 10

O amanhã já chegou e hoje serei executado pelo crime que cometi.

Que Deus me proteja e me livre das presas de Satanás.

ANEXO D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, _____,
portador do RG _____, responsável pelo
aluno(a) _____,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais trabalhos
escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a participação
nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as atividades, para a
contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pelo
professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado
“Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com base nas histórias de Edgar
Allan Poe” está inserido na linha de pesquisa “Letramento Literário”.

São Gonçalo do Amarante/ RN, _____ de _____ de 2019

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Luciana Gomes Lima da Silva,
portador do RG _____, responsável pelo
aluno(a) Gabriela Lima da Silva.

autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a participação nas aulas, em 2018, bem como, fotografias dele(a) feitas durante as atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, 19 de fevereiro de 2019

Luciana Gomes Lima da Silva

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Gerlayne Pristiny Matos Emerenciano,
 portador do RG 001.575.489, responsável pelo
 aluno(a) Gabriel Kauan Embralsiano da silveira
 autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
 Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
 Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
 trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
 participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
 atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
 desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
 provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
 base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento
 Literário".

São Gonçalo do Amarante/RN, 19 de fevereiro de 2019

Gerlayne Pristiny Matos Emerenciano

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Gerlaine Cristiny Mota Emerenciano,
portador do RG 001.575.484, responsável pelo
aluno(a) Eliana Rodrigues Nóbilo da Silveira Júnior,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado “Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe” está inserido na linha de pesquisa “Letramento
Literário”.

São Gonçalo do Amarante/ RN, 19 de fevereiro de 2019

Gerlaine Cristiny Mota Emerenciano

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Aldenir Rodrigues da Silva,
portador do RG 1.449-382, responsável pelo
aluno(a) Wendley do Nascimento Silva,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento
Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, 19 de fevereiro de 2019

Aldenir Rodrigues da Silva

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Janete Souza da Silva Coelho,
 portador do RG 1988377, responsável pelo
 aluno(a) Viton Gabriel da Silva Coelho,
 autorizo TÁLES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
 Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
 Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
 trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
 participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
 atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
 desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
 provisoriamente, intitulado “Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
 base nas histórias de Edgar Allan Poe” está inserido na linha de pesquisa “Letramento
 Literário”.

São Gonçalo do Amarante/ RN, 18 de Dezembro de 2019

Janete Souza da Silva Coelho

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Rayane Margarida Correia Cruz Bezerra,
portador do RG 2.447.017, responsável pelo
aluno(a) Alti Priscila Lima Cruz,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento
Literário".

São Gonçalo do Amarante/RN, 18 de Fevereiro de 2019

Rayane Margarida Correia Cruz Bezerra

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Edileuza Braz Tomaz,
portador do RG 001.408.735, responsável pelo
aluno(a) Clome B. Tomaz,

autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado “Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com base nas histórias de Edgar Allan Poe” está inserido na linha de pesquisa “Letramento Literário”.

São Gonçalo do Amarante/ RN, 19 de fevereiro de 2019

Edileuza B. Tomaz

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Sélio de Almeida Costa,
portador do RG 002 147 899 responsável pelo
aluno(a) Sebastião Kawan de A. Costa,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento
Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, 19 de Fevereiro de 2019

Sélio de Almeida Costa

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Zilma Perceiro Da Silva
portador do RG 001.770.960, responsável pelo
aluno(a) Camille Perceiro Da Silva,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos - uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento
Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, 18 de FEVEREIRO de 2019

Zilma Perceiro Da Silva

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, MARIA DE FÁTIMA DA SILVA DANTAS,
portador do RG 1.675.249-5ESPDS/RN, responsável pelo
aluno(a) JÉSSICA DA SILVA DANTAS,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado “Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe” está inscrito na linha de pesquisa “Letramento
Literário”.

São Gonçalo do Amarante/ RN, 18 de FEVEREIRO de 2019

Maria de Fátima da S. Dantas.

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Mônica Silva do Nascimento Lima,
portador do RG 002.143.098, responsável pelo
aluno(a) Ionmir Silva do Nascimento Lima,
autorizo TÁLES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado “Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe” está inserido na linha de pesquisa “Letramento
Literário”.

São Gonçalo do Amarante/ RN, 18 de Fevereiro de 2019

Mônica Silva do Nascimento Lima

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Dione Maria de Freitas Lima,
portador do RG 7.634.340, responsável pelo
aluno(a) Sávio Vieira da Fonseca,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos - uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento
Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, 19 de fevereiro de 2019

Dione Maria de Freitas Lima

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Angela Siqueira Barbosa
portador do RG 2.100.841, responsável pelo
aluno(a) Filipe Siqueira Barbosa

autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, 18 de Fevereiro de 2019

Angela Siqueira Barbosa

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Paulo Sérgio Alves da Silva,
portador do RG 763-948, responsável pelo
aluno(a) Paulo Sérgio Alves da Silva Filho,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento
Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, _____ de _____ de 2019

Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Rosângela Ferreira do Nascimento,
portador do RG 2.440.708, responsável pelo
aluno(a) Vaníia Gabryella Nascimento da Silva,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento
Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, 18 de Fevereiro de 2019

Rosângela Ferreira do Nascimento

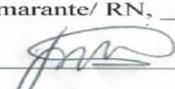
Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Jose Márcio Lopes da Silva,
portador do RG (CPF) 052.466.974-38 responsável pelo
aluno(a) João Henrique B. da Silva,

autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico, provisoriamente, intitulado "Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com base nas histórias de Edgar Allan Poe" está inserido na linha de pesquisa "Letramento Literário".

São Gonçalo do Amarante/ RN, 19 de Junho de 2019


Termo de autorização dos responsáveis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria de Lourdes do N. Belizário,
portador do RG 001.545.787, responsável pelo
aluno(a) Mical Abigail do Nascimento Belizário,
autorizo TALES FREIRE PINHEIRO, professor de Língua Portuguesa da Escola
Estadual Élia de Barros, e aluno do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Fábio Vieira Marcolino, a utilizar textos orais e escritos, e demais
trabalhos escolares, produzidos pelo(a) aluno(a) acima mencionado(a) durante a
participação nas aulas, em 2018, bem como fotografias dele(a) feitas durante as
atividades, para a contribuição do corpus da pesquisa de mestrado que vem sendo
desenvolvida pelo professor Tales Freire Pinheiro. Esse trabalho acadêmico,
provisoriamente, intitulado “Dramatização de contos – uma proposta de ação literária com
base nas histórias de Edgar Allan Poe” está inserido na linha de pesquisa “Letramento
Literário”.

São Gonçalo do Amarante/ RN, 19 de Fevereiro de 2019

Maria de Lourdes do N. Belizário

Termo de autorização dos responsáveis